

The Project Gutenberg eBook of Cartilha Maternal; ou, Arte de Leitura, by João de Deus

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Cartilha Maternal; ou, Arte de Leitura

Author: João de Deus

Release date: July 19, 2014 [EBook #46334]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Júlio Reis, Keith Edkins, Biblioteca Municipal de Alcobaça and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net>

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK CARTILHA MATERNAL; OU, ARTE DE LEITURA ***

Notas de transcrição:

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral do livro impresso em 1876.

Mantivemos a grafia usada na edição impressa, tendo sido corrigidos alguns pequenos erros tipográficos evidentes, que não alteram a leitura do texto, e que por isso não considerámos necessário assinalá-los.

O «typo lavrado» do livro mostra-se no itálico:

auxiliarias >> *auxiliarias*

CARTILHA MATERNAL

OU

ARTE DE LEITURA

POR

JOÃO DE DEUS



Les mères et les instituteurs, voilà
ceux qui jettent dans le monde

presque
toutes les semences du bien et du mal.
AMBROISE RENDU (Fils).

*As sementes do bem e do mal, quem
as lança no mundo quasi todas, são as
mães e os mestres.*

PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Rua da Cancellia Velha, 62

1876

Este systema funda-se na lingua viva. Não apresenta os seis ou oito abecedarios do costume, senão um, do typo mais frequente, e não todo mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se intendam, que se expliquem; de modo que, em vez do principiante apurar a paciencia numa repetição banal, se familiarisa com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras intelligiveis.

Assim ficamos livres do syllabario, em cuja interminavel serie de combinações mecanicas não ha penetrar uma idéa!

Esses longos exercicios de pura intuição visual constituem uma violencia, uma amputação moral contraria á natureza. Seis mezes, um anno e mais de vozes sem sentido basta para imprimir num espirito nascente o sello do idiotismo.

Porque razão observamos nós a cada passo nos filhos da indigencia meramente abandonados á escola da vida uma irradiação moral, uma viveza rara nos martyres do ensino primario?

As mães, que do coração professam a religião da adoravel innocencia e até por instincto sabem que em cerebros tão tenros e mimosos todo o cansaço e violencia póde deixar vestigios indeleveis, offerecemos neste systema profundamente práctico o meio de evitar a seus filhos o flagello da cartilha tradicional.

PRIMEIRA LIÇÃO

Consistindo a leitura na combinação das letras, basta ir aprendendo as letras que se podem ir combinando; o mais é confusão; e não podendo haver combinação sem vogal, comecemos pelas vogaes (deixando de fóra o *ypsilon* para não surprender logo no principio o alumno com duas letras que se leem do mesmo modo, tendo diverso nome e fórmula). Chamemos essas letras pelos seus nomes, *á, é, í, ó, ú*, que depois iremos determinando os seus diversos valores.

a e

i

o u

Estas letras aprendem-se facilmente: representando a quinta parte do abecedario quanto ao numero, estão fóra de representar a vigesima, quanto aos embarços; porque são homogeneas, todas se pronunciam com a bôca aberta, e filiam-se naturalmente na voz e na

memoria. É por isso também que apresentamos todas cinco de uma vez.

Ora a verdadeira palavra do homem é a palavra escrita, porque só ella é immortal. Mas enquanto o ensino da palavra fallada é o encanto de mães e filhos, o ensino da palavra escrita é o tormento de mestres e discipulos. Extranha diversidade em coisas tão irmãs!

Deus na sua providencia não o podia determinar assim. Ha-de haver meio facilissimo, grato, universalmente accessivel, de espalhar essa arte, ou antes faculdade, sem a qual o homem não passa de um selvagem.

Esse meio ou esse methodo não póde ser essencialmente differente do methodo encantador pelo qual as mães nos ensinam a fallar, que é *fallando*, ensinando-nos palavras vivas, que entreteem o espirito, e não letras e syllabas mortas, como fazem os mestres. Pois apressemo-nos também nós a ensinar palavras; e acharemos a mesma amenidade.

Com aquellas cinco letras já se podem formar quatro palavras muito usuaes, e que por uma feliz coincidencia se pronunciam todas do mesmo modo, isto é, carregando na inicial.

Lede-as, e nunca soletreis; que mal sabeis como a soletração confunde o principiante (quando lhe não deprava o raciocinio com sommas falsas). Lede-as acompanhando fielmente com o ponteiro a letra que estais pronunciando; e vereis a facilidade, o gosto e a admiração com que a criança vos segue e vos imita, reconhecendo em sua consciencia a palavra retratada no papel.

Convem deixar estabelecida nesta lição, a proposito da ultima palavra *ia*, a regra que o *a* no fim vale *â* (*a* fechado, igual ao que tantas vezes no dia pronunciamos separadamente: *a* casa, *a* mesa, etc.), regra que podemos figurar da fórma seguinte:

~~~a = â

Mas em portuguez as vogaes são quasi tantas como todas as consoantes juntas. Por isso antes de passar a lêr, podeis lisongear o alumno mostrando-lhe em qualquer livro ou pagina de boa letra o muito que elle já sabe. E nesta mesma distracção o acabais de confirmar nesses cinco elementos que são a alma da escrita e da leitura.

ai

ui

eu

ia

## SEGUNDA LIÇÃO

Iniciámos no mecanismo da escrita o principiante com grande e justa maravilha sua. Elle percebeu, sentiu mais ou menos lucidamente o engenho do homem, que estudando os sons de que as palavras se compõem, inventou para cada som um signal, e depois, conforme a palavra consta de taes ou taes sons, assim na escrita põe taes ou taes signaes!

Mas aqui vem a proposito admirar como esta arte fundada numa base tão singela tenha sido o martyrio de tantos innocentes e passe ainda na opinião das multidões por uma sciencia ardua!

É verdade que tal correspondencia não é perfeita; mas essa imperfeição pouco embaraça os

filhos do paiz sendo bem dirigidos. A criança, acostumada a ler palavras, não lê por exemplo *tódo* nem *môdo*; lê *tôdo* e *módo*, como tem dito e ouvido dizer. Assim também acha o valor das consoantes caprichosas.

Vamos agora combinar com as vogaes uma das consoantes mais perfeitas que é o *v*; porém não lhe haveis de chamar *ú-consoante*, que é uma falsidade, e vai desmentir todas as combinações. Chamai-lhe, como se usa modernamente, *vê*, ou ainda melhor, e por ora, chamai-lhe o que elle *vale*, simplesmente *v*... pronunciando sem despegar o beijo inferior dos dentes de cima, sem vogal, sem voz, o simples sopro aspero e sonoro.

Ensinai a proferir-o; e depois não tendes mais que ir apontando na palavra successivamente as letras que ides lendo, demorando-vos na pronuncia de cada uma o tempo que quizerdes, porque essa consoante é tão prolongavel como as vogaes.

## V

vá vai

vi via viu

vivi vivia

viveu viva

uva

viuva

## TERCEIRA LIÇÃO

Cada um tem as suas traças de facilitar o ensino, e ajudar o principiante nas difficuldades. Nós temos achado util cobrir e descobrir alternativamente o *v* nas palavras *vai*, *via*, etc, fazendo ler ora *ai*, ora *vai* e assim o mais, a fim de certificar o principiante do papel que o *v* representa na escrita.

Deste ou doutro modo estamos que vos não enfastiou a lição passada, onde pela primeira vez combinámos vogaes e consoantes. Mas que differença haverá entre vogal e consoante, e porque iríamos nós ao fim do abecedario buscar o *v* para esse primeiro exercicio?

Quando dizemos *á*, soltamos essa voz da garganta; mas se dissermos *má*, soltamos essa voz, despegando os labios; e se dissermos *mal*, despegamos os labios ao soltal-a e no fim damos com a lingua no ceu da bôca.

Donde se vê que as palavras se compõem de *voces* e também duns *modos* de começar ou

acabar a voz.

As vozes pertencem á garganta, e representam-se nas vogaes; os modos pertencem aos órgãos mudos, como labios, dentes, lingua etc., e representam-se nas outras letras.

Vai uma grande differença da voz, ao modo de começar ou acabar a voz; vai portanto uma grande differença de vogal a consoante.

Mas esses modos, uns consistem num toque ou despego rapido, num simples movimento, numa funcção instantanea que se póde repetir, mas que se não póde prolongar, como succede nas seguintes palavras:

|                |                |                |                |
|----------------|----------------|----------------|----------------|
| <i>bocado</i>  | <i>goilha</i>  | <i>maninho</i> | <i>preto</i>   |
| ( <i>bqd</i> , | <i>gl lh</i> , | <i>mn nh</i> , | <i>pr t</i> ). |

Outros consistem numa disposição em que a gente póde insistir o tempo que quizer, como nas seguintes palavras:

|                 |                 |                      |
|-----------------|-----------------|----------------------|
| <i>favo</i>     | <i>siso</i>     | <i>chá jarro</i>     |
| <i>f...v...</i> | <i>ç...z...</i> | <i>x...j...rr...</i> |

Ora quando a voz é modificada com aquelles modos instantaneos, de sua natureza improlongaveis, a voz e o modo constituem para o principiante uma somma difficil de reduzir aos seus elementos, e portanto confusa: pelo contrario quando o modo é prolongavel, o principiante demora-se na voz ou no modo o tempo que lhe apraz sem falsear a syllaba, sem desfigurar a palavra; e o papel que a consoante representa na escrita é evidente e distincto. por exemplo, contando os pontos por momentos, podemos levar cinco momentos a pronunciar, *v....á*, ouvindo-se afinal perfeitamente *vá*. O mesmo não acontece em *dá, cá, pá, lá*, etc.

Logo, por onde haviamos nós de começar, pelas consoantes contínuas ou pelas consoantes instantaneas? É claro que pelas consoantes contínuas, prolongaveis, que deixam ao principiante apreciar melhor os elementos da syllaba.

Ora, dessas consoantes a menos equívoca, ou antes, a inequívoca, a unica que não tem equivalentes, a mais perfeita em summa, é o *v*: começámos pelo *v*.

Mas em que consiste o *v*, como se pronuncia o *v*?

Nós, mesmo com a bôca fechada, podemos fazer uma especie de gemido, respirando pelo nariz; mas se, em lugar de respirar pelo nariz, fazendo esse gemido, respiramos por entre o labio inferior unido aos dentes de cima, pronunciamos *v...*

Este som depende do folego emittido com certa força; sem essa força, emittindo o simples folego e conservando a mesma posição de labio e dentes, em lugar de *v...* pronunciamos *f..*

Ora havendo tanta analogia entre estes dois elementos, sendo o *f* um *v* abafado, soprado, silencioso, passemos do *v* ao *f*.

**f**

**fé**

**fui**

fia fiava

afia afiava

fava

#### QUARTA LIÇÃO

Os modos de começar e acabar a voz chamam-se ordinariamente *inflexões* e *articulações*, por serem como uns eixos, umas juntas da voz que lhe dão contorno e melodia. A palavra *lampada*, por exemplo, é muito airosa; mas tirando-lhe a parte que nella tomam a lingua, os beiços e os dentes reduz-se a um vozeio de mudo, monotono e desengraçado: *ããã*.

Donde se vê que a voz é como a perola que realça no engaste; e que as inflexões, intermeando e recortando a voz, apesar da sua obscuridade não são menos preciosas na palavra que as proprias vozes. Só a voz se canta, só a voz se alteia e expande, segundo o folego e garganta de cada um, a ponto de encher um templo, de retumbar no valle do alto da montanha; pelo contrario as inflexões a poucos passos de distancia somem-se: todavia uma lingua só de vozes seria uma lingua barbara.

Ora nós já sabemos que as inflexões na escrita se representam pelas consoantes; mas em logar de haver tantas consoantes como inflexões, correspondendo a cada inflexão a sua consoante, não succede assim.

Vejamos as inflexões contínuas de quantos modos se escrevem:

|              |                         |            |
|--------------|-------------------------|------------|
| <i>f...</i>  | (fé afflicção phoca)    | f ff ph    |
| <i>v...</i>  | (vai)                   | v          |
| <i>ç...</i>  | (suisso ceo aço maximo) | s ss c ç x |
| <i>z...</i>  | (aza uso existe)        | z s x      |
| <i>x...</i>  | (eixo chega ais faz)    | x ch s z   |
| <i>j...</i>  | (ja geme osga)          | j g s      |
| <i>rr...</i> | (rua erro rhetorica)    | r rr rh    |

Achareis, para representar as sete inflexões continuas, vinte e duas formas que, descontando repetições, se reduzem a dezeseis; mas, destas dezeseis, sete teem diversos valores, a saber:

|   |                                            |    |                                                  |   |                                 |   |                  |
|---|--------------------------------------------|----|--------------------------------------------------|---|---------------------------------|---|------------------|
| s | {<br>c seu<br>z uso<br>x triste<br>j tisna | x  | {<br>ch eixo<br>z existe<br>ç proximo<br>kç sexo | c | {<br>ç ceo<br>k cai<br>... acto |   |                  |
| g | {<br>gelo<br>agua                          | ch | {<br>x chefe<br>k chimica                        | z | {<br>z zelo<br>x fiz            | r | {<br>era<br>raio |

Ora destas formas de valor incerto nenhuma convinha para os primeiros exercicios. Das outras, uma tem valor certo e exclusivo, que é v: as mais não teem valor exclusivo mas teem valor certo, que são f, ff, ph, ç, ss, j, rr, rh; mas embora tenham valor certo, as compostas não seria bom methodo anticipar ás simples; ç é uma letra anomala; ff comprehende-se em f. Isto tudo supposto restam v f j.

Começámos pela mais perfeita, v, que maiuscula ou minuscula conserva a mesma forma, nunca se annulla dobrando-se debalde ou escrevendo-se por amor da etymologia, tem

sempre o mesmo valor e só ella tem esse valor, presta-se com as vogaes a muitas combinações familiares, e representa uma inflexão *gemida*, isto é, duplamente apreciavel ao ouvido do principiante pela continuidade e pela intensidade.

Do v passámos ao f, pela analogia da pronuncia. Passamos agora ao j.

Os antigos punham o valor da letra no primeiro elemento do nome que lhe davam; razoavel systema de designações principalmente para as consoantes instantaneas, que mal se podem proferir em separado sem lhes exagerar o valor. *Jota* e *xiz* são os nomes que temos n'esse genero (preferiveis a *éfe éle*, etc. onde a inflexão vem encravada em duas vozes dum modo obscuro); mas taes nomes constituem excepção, e impõem a necessidade de fazer distincção entre o nome e o valor, o que o alumno embora perceba facilmente, não deixa por isso de se embarçar na prática, porque lhe occorrem as duas cousas, nome e valor. Aquellas designações antigas fundadas numa base até certo ponto filosofica, eram nomes geralmente compostos, verdadeiros nomes, com toda a melodia da lingua, sem aquella simplicidade d'algumas denominações nossas como *bê, dê*; por isso peores de conciliar com a soletração. Ao *d*, por exemplo, chamavam *daleth*, ao *a* *aleph*, ao *l* *lamed*. Em quantos annos chegaria o desgraçado alumno a soletrar (claro está, inconscientemente, de memoria, á força de repetições sem conto) *daleth aleph lamed, dal?!*

(*daleth*  
*aleph*  
*lamed,*

Somma... *dal*)

Em cinco e seis annos como ainda hoje a infancia israelita; com manifesto prejuizo da sua educação logica.

Mas seria mais irracional essa soletração que por exemplo a nossa *cê á, ká*? Não! ao menos alli, dada a chave do enigma, descoberto o segredo, achavam-se as parcelas da somma, os elementos da syllaba á frente dos tres nomes das letras. Em *cê á, ká*, é impossivel perceber donde veio *k*, a inflexão guttural que soa na syllaba *ká*.

Todavia ensina-se assim a ler! Não ensinemos nós a ler assim. Chamemos ao *jota j..*

j

já

*fuja*

*veja*

*viaja viajava*

## QUINTA LIÇÃO

A leitura, nestas palavras de vogaes e consoantes contínuas, é tão clara, funda-se em elementos tão distinctos, estão os seus passos por assim dizer tão bem marcados, a syllaba constitue sempre uma somma tão evidente, que o principiante, compenetrado da base do

systema orthografico e talvez até exagerando a simplicidade da arte, deve-se a estas horas achar disposto a receber as outras consoantes, combinando-as com o mesmo conhecimento de causa.

A experiencia abona esta supposição. É notavel a facilidade e consciencia com que o alumno, em tão poucas lições, começa a ler as syllabas compostas de elementos confusos e quasi inseparaveis.

Mas que ordem havemos de seguir na combinação dos novos elementos? Assim como na lição passada buscámos as formas pelas inflexões, vejamos de quantas formas se escrevem as doze inflexões instantaneas da nossa lingua (que foi nossa intenção mnemonisar nas palavras *bocado golilha maninho preto; bkd, gl lh, mn nh, pr t*):

|           |                     |          |                                                                                                            |                                                                                                       |                |
|-----------|---------------------|----------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| <i>b</i>  | (boa abbade)        |          |                                                                                                            | <i>b</i>                                                                                              | <i>bb</i>      |
| <i>k</i>  | (kilo qual chimica) |          |                                                                                                            | <i>k</i>                                                                                              | <i>q ch c</i>  |
| <i>d</i>  | (addido adhesão)    |          |                                                                                                            | <i>d</i>                                                                                              | <i>dd dh</i>   |
| <i>g</i>  | (aggregado)         |          |                                                                                                            | <i>g</i>                                                                                              | <i>gg</i>      |
| <i>l</i>  | (libello)           |          |                                                                                                            | <i>l</i>                                                                                              | <i>ll</i>      |
| <i>lh</i> | (ilha)              |          |                                                                                                            |                                                                                                       | <i>lh</i>      |
| <i>m</i>  | (meu                | <i>m</i> | $\left\{ \begin{array}{l} \sim \text{ambos} \\ m \text{ meu} \\ \dots \text{commenda} \end{array} \right.$ |                                                                                                       | <i>m</i>       |
| <i>n</i>  | (não                | <i>n</i> |                                                                                                            | $\left\{ \begin{array}{l} \sim \text{anda} \\ n \text{ não} \\ \dots \text{amel} \end{array} \right.$ |                |
| <i>nh</i> | (unha)              |          |                                                                                                            |                                                                                                       |                |
| <i>p</i>  | (appropriado)       |          |                                                                                                            |                                                                                                       | <i>p pp</i>    |
| <i>r</i>  | (ar)                |          |                                                                                                            |                                                                                                       | <i>r</i>       |
| <i>t</i>  | (attonito theoria)  |          |                                                                                                            |                                                                                                       | <i>t tt th</i> |

Contando achareis, para representar as doze inflexões instantaneas da nossa lingua, vinte e duas formas (não escogitando muito, pois por exemplo, *gu* para representar *g* guttural bem se podia considerar uma nova forma). Destas formas já conheciamos por incertas *c*, *ch*, *g*, *r*; e conhecemos agora como taes *m*, *n*: ora primeiro se hão de apresentar as certas. As formas *lh*, *nh*, *dh*, *th* são compostas; e primeiro se hão de apresentar as simples. Tiradas incertas e compostas, restam certas mas dobres, isto é, que ás vezes se dobram inutilmente *b*, *d*, *l*, *p*, *t*; certas e simples, isto é, que nunca se dobram *k*, *q*.

Por aqui haviamos de começar, se com o *q* não se annullasse muitas vezes o *u*, o que é absurdo; e se tivessemos palavra usual onde apresentar o *k* sem dependencia de letra desconhecida; mas só temos kilo, onde entra *l* que, portanto, ha de vir antes.

Mas *b*, *d*, *p* é o mesmo character invertido; approximemol-as: *d*, *t*, são irmãs na pronuncia.

Disto resulta que podemos ter por boa ordem a seguinte: *t*, *d*, *b*, *p*, *l*, *k*, etc.

Vamos ao *t*. Explicai, se quizerdes, a sua pronuncia ou simplesmente lêde-o na syllaba: o alumno vos seguirá.

**t**

**tu    teu**

**tua    tia**

**ata    atava**

*fita fatia*

*fatiota*

#### SEXTA LIÇÃO

Quando agrupámos as inflexões contínuas de duas em duas (*f..v...*, *c...z...*, *x...j...*), quizemos indicar o parentesco de cada par; isto é, que a primeira se pronuncia como a segunda, na mesma disposição de órgãos, com a diferença que na primeira ha só folego e na segunda ha essa meia voz a que chamámos gemido.

O *j* é um *x* mais forte, um *x* gemido, vozeado.

Mas ahi bem se explica a differença. Agora as inflexões *t* e *d* são mais do que parentas, são irmãs. Por isso do *t* passamos naturalmente ao *d*.

*d*

*dia*

*dó doi*

*dá deu dada*

*dava deva*

*vida duvida*

*ida idiota*

*judia judeu*

*ajuda*

# fiada      *afiada*

## SETIMA LIÇÃO

O leitor havia de notar na lição passada a palavra *duvida* com accento. Nós temos aos signaes prosodicos uma especie de aversão, chegando os nossos mais esmerados escritores a não accentuarem muitas vezes até as palavras equívocas. Mas esse é o facto. Em theoria ninguem sustenta esse exagero. Donde se segue que podemos, e devemos, por exemplo, escrever sempre *duvída* ou *dúvida*, e nunca simplesmente *duvida*.

O principio de accentuar só as palavras equívocas é bambo. Tudo é equívoco para quem não sabe. Nada mais equívoco para um estrangeiro, que as tres primeiras vogaes de *cama casa e cada*, identicas na escrita, diversas na pronuncia (ã, á, â). Todavia nunca se accentuaram. Mas sendo essa a prática constante, não se devem dar a ler escritas doutro modo. Porém as palavras equívocas alguns accentuam-nas systematicamente, e muitos, embora sem especial cuidado, teem occasião de as differencar na escrita. Queremos dizer com isto que rejeitando e reprovando nas cartilhas uma accentuação artificial armada a facilitar a leitura, iremos empregando os devidos signaes nas palavras duvidosas, conforme a razão e os bons exemplos.

É inadmissivel a doutrina de escrever as palavras de maneira que, em separado, os mesmos portuguezes não saibam o que ellas são.

Mas, voltando ao nosso caminho, vamos ao *b*, que se profere despegando os labios, como *p*, *m*; e por isso chamam, a estas letras e inflexões, *labiaes*.

*b*

*boi*

*boa*

*aba      baba*

*beba*

*bata      batia*

*bateu      batida*

*bota batata*

*abata abatia*

*abatida*

*abafa abafava*

*abafada*

#### OITAVA LIÇÃO

Na lição passada figurava em *boi* e *boa* a letra *o* com um valor diverso do que se infere de seu nome. É tempo de admittir essa novidade.

Nós temos julgado inutil dizer que o criterio fundamental da nossa prosodia é—*ler como se diz*: criterio sofisticado, que não resiste á analyse mas que felizmente a criança na sua simplicidade admitte de boamente. A criança folga de rectificar uma leitura fundada no rigor dos dados, pelo que ouve e costuma dizer. Um certo instincto práctico, um sentimento de utilidade a leva a achar muito bem fundado aquelle dictame futil. *Bói* não se diz; *bói* não é nada, gostosamente corrige e diz *bói*.

E o caso é que emquanto outros, acostumados a syllabas vãs, naturalmente estropeiam as palavras mais logicamente escritas; o nosso alumno mettido naquelle caminho práctico, e habituado a intender sempre o que lê, tende naturalmente a dar sentido e alma ás combinações da orthografia mais duvidosa, achando uma palavra corrente.

Nós reservamos lições especiaes para as grandes variações de valor nas vogaes; mas *ó* e *ô* não differem dum modo muito extranho.

Isto posto passemos ao *p* que é irmão de *b* no valor, e tambem se póde dizer que na figura.

*p*

*pai*

*pá pó pé*

*puá pia pipa*

*papa papava*

*papada*

*peta pata*

*patada*

*pita pitada*

*topa*

*tapa tapava*

*tapada*

## NONA LIÇÃO

Alguns chamam, ao *e* de *saude*, mudo. Antes o chamem que o façam, pois se o fazem não fallam portuguez. O *u* em guerra é mudo, e na maxima parte das palavras onde se escreve *gue, gui, que, qui*: e ainda n'outros casos como havemos de ver. Porem a vogal *e* representa sempre voz; e não ha vozes mudas. Deviam-lhe chamar *e* grave, que é já frase recebida, significando baixo, não agudo, que não soa alto, que não soa muito.

Isto supposto, as inflexões instantaneas por onde acabam palavras portuguezas são *l, n, r*: exemplo, *tal, talisman, ter*. Estas inflexões, parece que todas se proferem despegando a lingua do céu da bôca: porem, na sua qualidade de instantaneas não teem som proprio, e por isso, vindo no fim, se despegarmos a lingua durante a emissão da voz, em vez de *ter*, diremos *tere*; em vez de *tal, tale*, etc.: o que é vicioso.

Ora assim como *saud'* não é portuguez, tambem o não são taes palavras acabando em *e* grave, que a consoante não representa nem a inflexão pôde comprehender.

A respeito do *l*, uma indicação podeis fazer muito clara e proficua, ao vosso alumno, e é que deixe a lingua pegada ao céu da bôca. Por um dos muitos mysterios da palavra, assim se profere elegantemente o *l* final, ou posterior á voz.

Não temos apresentado letras dobradas por falta de occasião; não, por systema. É um facto de observação que o principiante não se embaraça com isso, como ides ver.

l

li    *lia*    leu    *lua*

*luva*    *loja*    *luta*

*labuta*    *bitola*

*bola*    *bella*

*falla*    *fi vella*

*lá*    *óla*    *alli*

*vil*    *fel*    *fiel*    *tal*

*fatal*    *faval*

*paúl*    *papel*

*alva*    *alta*

*falta*    *volta*

*polpa*    *apalpa*

# apalpadella

## DECIMA LIÇÃO

Estas notas são escritas ao correr da impressão; e, recebendo agora do Porto a primeira folha (que em Lisboa nem de graça, como chegámos a offerer a um editor notavel, demais a mais poeta e prosador, conseguimos a publicação desta curiosidade) vemos nessa folha que na segunda lição, onde se trata da combinação do *v* com as vogaes, dissemos que vos podieis demorar na leitura de cada letra sem distincção, por serem todas igualmente prolongaveis. Assim é: mas esqueceu-nos advertir que haja cuidado em não separar a inflexão da voz; senão, basta a minima pausa para terdes de as ajuntar depois, o que vem a dar na mesma que soletrar. A advertencia era por ventura escusada.

No ensino individual, que é só onde temos experimentado este systema, com os resultados previstos (em lições manuscritas imitando letra redonda) costumamo-nos collocar a um canto da mesa, mais o alumno, elle dum lado á esquerda e nós do outro; pomos-lhe a lição diante convenientemente; e enquanto, nas primeiras quatro lições, percorremos com o ponteiro pela parte de cima as letras da palavra, imol-as simultaneamente pronunciando. Ora como do intervallo das letras naturalmente se abstrahe, nem esse intervallo é apreciavel na marcha do ponteiro, a palavra afigura-se aos olhos do principiante como uma pequena escala, cujas notas se vibram na sua ordem natural.

E o que é a leitura senão a pronúncia successiva dos elementos simples ou compostos, certos ou incertos da palavra escrita? Por isso é que a leitura é a verdadeira soletração; porque só na leitura se dá aos caracteres o seu justo valor.

Ha duas soletrações, a antiga e a moderna. A soletração antiga vai chamando as letras pelos seus nomes, para apresentar depois, não a somma desses nomes, mas a somma dos valores dessas letras. Esta soletração é absurda, e desmoralisa o raciocinio do principiante. Como quereis vós que uma alminha, ainda com aquella luz tão pura que traz de Deus, entenda que *cê*, *agá*, *á*, junto, sommado, é *xá*?!

Isto será ensinar a ler, mas é ao mesmo tempo embrutecer. Ora mil vezes antes analfabeto que idiota.

Porem esta soletração, que aliás reina em Portugal e seus dominios, está condemnada. A outra, a soletração moderna que procede por valores, é incomparavelmente superior; mas ou é inexequivel ou escusada.

Modernamente, como se soletra *chá*? Deste modo: *x'*, *á*, *xá*. Mas se o alumno sabe, pelo conhecimento das regras ou por intuição, o valor hypotetico de *ch*, lê igualmente *xá*; e se não sabe, não pode soletrar á moderna. É claro.

Daqui resulta que a soletração é a leitura. Ensinemos as regras; e a pratica fará o resto.

Segue-se o *k*, pela ordem estabelecida; e como só o podemos apresentar em *kilo*, aproveitemos a occasião de exercitar o principiante no *o* final, ensinando-lhe que o *o* no fim vale *u*. Explicai-lhe o symbolo, se vos parecer: a curva ondeada indica as mais letras da palavra acabada em *o*, que faltam; as duas parallelas querem dizer *vale*.

k

ki/o

~~~~o = u

vivo viuvo

viajo vejo

fujo favo fato

ato bato bafo

abafo bafio

abalo fallo

luto lado lido

pato pavio

pulo papavo

baldo baldio

bolo lobo lodo

ovo tolo tòlido

UNDECIMA LIÇÃO

Os gregos tinham uma inflexão irmã da que representa em portuguez o *k*, mas aspirada; e figuravam-na por certa letra bastante semelhante ao *k*, e ainda mais semelhante ao *x*.

Os romanos não tinham essa letra; e, como para elle *c* valia *q*, ajuntaram-lhe *h* para significar aspiração, e nas palavras gregas de origem, onde havia aquella inflexão guttural, escreviam *ch* com justificado motivo.

Mas isso, elles; nós só por imitação servil fazemos o mesmo; porque para nós nem o *c* vale *q*, e sim diversas inflexões; nem o *h* significa aspiração, que não ha em portuguez; nem *ch* tem valor definido. Quanto mais que em pontos de orthografia grega mais nos devia importar o grego que o latim; e se ha maneira de falsear aquella excellente orthografia é escrever dois caracteres representando um valor.

Donde resulta que em taes casos mais logica o etymologicamente se devera escrever *k*. Todavia, recebendo esta letra na adopção do systema metrico uma especie de cunho official, nem as *graças do poder* lhe valeram a benevolencia dos sabios: continúa em *kilo* (significando mil) a ter curso forçado; mas já em *chylo* (succo de alimentos digeridos) insistem os sabios a escrever *ch*, tendo a palavra igual origem e identica pronuncia.

É uma especie de antipathia, áquelle excellente character, que não se póde attribuir ás suas quatro pernas. A mesma França, que toda se empenha em disfarçar no apparatus scientifico os absurdos da sua orthografia, expulsa o *k* de palavras a que elle pertencia *par droit de naissance*; reserva-o para os termos arabes; e nos proprios de origem grega escreve *ch* valendo, note-se, ora *k* ora *x*. Primores da coherencia etymologica!

Mas o alumno espera-nos. Ao *k* seguia-se o *q* segundo o nosso plano; mas já sabemos que esta consoante, embora certa, offerece circumstancias absurdas: servirá pois de introdução ás consoantes incertas; e vamos entretanto a outras regras sem excepção, em respeito a vogaes.

Ensinámos na lição passada que *o* final vale *u*. Ensinemos agora que *ou* vale *ô*.

Nas provincias do norte diz-se *amôu*, *comprôu*; mas em Coimbra, Lisboa e no mais Portugal não se profere tal ditongo. Escreve-se *ou*, mas o *u* é mudo, e o *o* soa como em *avô*.

Este é o facto e, por consequencia, a lei fundada, não diremos na melodia que é relativa, porem no uso mais autorizado e aliás mais vasto.

Com isto não queremos dizer que em tal ou tal logar, onde reine sem contradicção aquella variante, o professor se empenhe em arrancar aos seus discipulos talvez um hábito invencivel. A toada é singularmente ingrata a ouvidos estranhos e illegítima; porém não é essencial que os filhos do povo fallem classicamente; o essencial é fazel-os quebrar o circulo da animalidade e dar-lhes, por meio da leitura e da escrita, o horisonte infinito do homem. Em parte onde convier, exercitai-os no ditongo.

ou = ô

avô

vou a viou

viuvou viajou

dou atou fiou

babou piou

papou apupou

tapou pulou

fallou alliviu

abafou ouvi

ouvia ouviu

ouvido louva

louvo louvou

poupa poupo

poupou

DUODECIMA LIÇÃO

Já na lição passada nos referimos ao ditongo *ou*, usado nas provincias do norte, e que bem se póde ter por vicioso. Agora diremos que nas provincias do sul cerceiam o delicado ditongo *ei*, dizendo em lugar de *lêi lêito dêi dêitêi*, simples e desengraçadamente *lê lêto dê dêtê*. Tambem é vulgar nestas provincias *mé pai, té primo*; e não menos, *jantí andí cantí*, em vez de *meu pai, teu primo, jantêi andêi cantêi*.

Não imaginamos circumstancias que recommendem ao mestre contemplação alguma com essas crassas deturpações da lingua. Os mais rudes acceitam a emenda sem escandalo, e sem surpresa, lembrados duma ou outra pessoa culta que tem ouvido.

Mas voltando ao *êi*, objecto especial desta lição, bom é notar que esse ditongo nem sempre é expresso, mormente na orthografia antiga. Os antigos escreviam regularmente *têa fêo cêa recêo*: os modernos escrevem geralmente mais conforme a pronuncia. Seja como fôr, o

estyllo da lingua não admitte o ditongo *êo éa*; e em taes casos, esteja o *i* expresso ou não, ha de se ouvir o ditongo *êi* antes da voz final.

A razão popular, ainda mais que as academias, tende sempre a racionalisar a orthografia ajustando-a com a falla; e por isso, como já indicámos, hoje o mais ordinario é escrever-se *feito receio teia aldeia*. E ainda bem. Mas o que parece equívoco da parte dalguns autores é escreverem, por exemplo *grangeiar receiar*, porque em certas vozes (do presente do indicativo, imperativo e conjuntivo) de semelhantes verbos soa *êi*. Sempre ouvimos dizer *cêio* e *recêio*; mas ainda não ouvimos dizer *cêiêi* e *recêiêi*. O *i*, que o estylo da lingua insinua naquellas vozes, é um accidente do verbo e não o mesmo verbo na sua forma primitiva. Se as alterações que soffrem as vogaes durante a conjugação dos verbos devessem figurar no infinito, não havia modo de os escrever. *Escrever*, por exemplo; segundo *e*, grave; *escrevo*, segundo *e*, agudo: *velar*, *e*, grave; *velo*, *e*, aberto; *vele*, *e*, agudo (o mesmo da primeira syllaba).

E sem fallarmos nos casos em que até as consoantes variam, como nos verbos acabados em *gar* e *car*, aqui se mostra que a lingua portugueza não guarda nos derivados a prosodia radical, por outra, que não é uma lingua etymologica, como era a latina: assim como não é uma lingua metrica, com syllabas longas e breves, como o latim; e assim como não é uma lingua declinavel, com sete, oito, nove, dez e mais formas do mesmo nome, pronome ou adjectivo, como havia no latim. Ora não sabemos que traços mais profundos de divergencia pode separar uma lingua de outra. Em que se fundam pois os argumentos de analogia com que o pedantismo nos tem sempre querido impor a orthografia latina? Bem fez a Hispanha que importando-lhe mais os seus grandes interesses, do que os embaraços do filologo em descobrir a origem e significação de *Cristo* escrito sem *h*, tem hoje a mais perfeita orthografia do mundo. E nisso se podem fundar boas esperanças da enorme civilização que espera aquelle generoso povo, tantos seculos á espessa sombra da monarchia.

ei = êi

dê lê

dei lei atei

papei lavei

abalei feita

feito feitio

deito deitou

deitei babei

beija beijo

beijou beijei

dei-a dei-o

veia veio

feia feio

leia leio

peia teia

DECIMA TERCEIRA LIÇÃO

Não tratamos aqui dos valores da letra *e*.

Tratamos das vozes semelhantes que essa letra representa; que são quatro: *e agudo*, que se exprime no proprio nome dessa vogal, *é*; *fechado*, de que fallámos na lição antecedente, *dê*, *dêi*; *aberto*, que não tendo signal especial em portuguez, muitas vezes figura com o mesmo agudo, por exemplo, *bello*, *pés*: e ha um outro, de todos o menos parecido com o agudo ou nome da letra, chamado grave, do qual já tivemos occasião de fallar.

Este *e*, que mal podemos declarar por escrito, mas que o ouvido distingue perfeitamente, é frequentissimo no principio, no meio e no fim de palavras; mas tambem frequentemente mal proferido, e até suprimido, mormente no fim.

Pondo nisso especial cuidado; não deixeis o vosso discipulo dizer *fal'* em logar de *falle*, assim como lhe não deixeis dizer *vile* em logar de *vil*, *papele* em logar de *papel*, etc. Basta contar as syllabas, e não o deixar fazer, de duas, uma; e de uma, duas.

Ha numa linguagem viciosa não sabemos que mostras de má educação ou de rudeza. Devemo'-nos empenhar o mais possivel em aperfeiçoar o estylo dos nossos discipulos.

E voltando ao *e aberto*, que não tem signal especial, cumpre notar que se encontra nos classicos, muitas vezes, esse *e* com um accentto opposto ao agudo, desta fórma: *prègar*, *prègador* (palavras que precisavam de especificação, pois ha tambem em portuguez, com *e* grave, *pregar* e o derivado *pregador*). Não o applicavam os autores, ou pelo menos os typografos, systematicamente; como faziam a todos os demais signaes; porem os modernos, em vez de o aproveitar convenientemente, aboliram-no. D'ahi resulta escrever-se *pé* e *pés*, *sé* e *céo*, com uma orthografia excellente para enganar quem lê.

Não se póde confundir o *e* de *pes*, plural de *pé*, com o de *péz*, cerol (ou de *pé*, que é o

mesmo): também se não póde confundir com o de *pê* (nome vulgar da letra *p*); e muito menos com o *e* grave.

Temos portanto, não fallando no grave, tres especies de *ee* bem accentuados na pronuncia (*pês, pé, pé*), que de facto se querem accentuar na escrita; mas, empregando-se nesse intento apenas dois signaes, por força algum *e* se havia de confundir com outro.

E assim succede. Quando o autor receia que leiam *zelo* (verbo), escreve *zêlo*; e quando receia que leiam *zelo* (nome), escreve *zélo*: escreve sempre o mesmo. E como havia elle de escrever melhor? Escrevendo *zêlo* (nome) e *zélo* (verbo)? Errava em ambos os casos; no primeiro, onde não soa o *e* de *pê*; e no segundo, onde não soa o *e* de *pé*. Tomando a responsabilidade daquella apparente innovação indo aos antigos buscar um signal desusado? É claramente o melhor recurso. Mas vamos ao nosso *e* grave, que é o que mais nos importa.

~ ~ ~ e

ave *vive* *tive*

ate *ajude*

tape *tope* *pote*

póde *poude*

bule *bole* *bote*

bate *bode* *bofe*

bife *folle* *falle*

lave *volte*

falte *apalpe*

pelle pede

pedi pediu

pellei pellou

velei velou

levou dedal

DECIMA QUARTA LIÇÃO

Ao *k* segue-se a sua irmã na pronuncia e última das consoantes certas, o *q*: mas com esta já principiam as grandes inexactidões na escrita e os equívocos faceis na leitura.

Não se escreve q sem u; mas esse u, com e, i, quasi nunca se lê.

É a regra que podemos estabelecer. D'ella podemos tirar o seguinte dictame:

Visto qué quí valer quasi sempre qué qí, lendo-se d'este modo, quasi sempre se acerta.

Aconselhai o discipulo nesta conformidade; sem embargo de o deixardes ler uma ou outra palavra como está escrita, para ver que não faz differença essencial, e que embora leia *ficuêi ficue*, facilmente percebe o seu engano, e até se intende o que diz.

O alumno estranha com razão estas anomalias. Em satisfação á sua intelligencia bom é dizer-lhe (o que temos por certo) que antigamente lia-se sempre o *u* depois do *q*; com o tempo algumas palavras mudaram, continuando-se todavia a escrever do mesmo modo. Nem haja dúvida em accrescentar que, se a palavra mudou na pronuncia, devia mudar na escrita; e que uma vogal que se não lê não se devia escrever.

Se cada letra valesse um elemento da palavra fallada, nada mais facil que aprender a ler. A lingua portugueza reduz-se a trinta e seis elementos; para decifrar toda a nossa imprensa, bastaria fixar e distinguir trinta e seis caracteres. Quem não teria essa capacidade e paciencia?

Infelizmente, á parte os methodos, e a insufficiencia dos mestres que geralmente nas escolas são os mesmos discipulos, sobejam letras inuteis, letras dum valor commum, letras de valor múltiplo, combinações quasi fantasticas: e os proprios signaes, que haviam de marcar o tom da vogal, d'uns ha falta, d'outros sobra, e n'outros dúvida por desacôrdo nos autores, e quasi sempre no mesmo autor.

A este respeito diremos que em portuguez temos vogaes *nasaes, agudas, fechadas, abertas e graves*; ás quaes por sua ordem correspondem, e muitas vezes se applicam, os seguintes signaes:

| | |
|---------------------|---|
| nasal ou <i>til</i> | (~) de ordinario supprido por <i>m, n</i> : |
| | <i>mão, mente, minto, monte, mundo;</i> |
| agudo | (´) |
| | <i>má, meu, mã, mó, amuo;</i> |

| | | | | | |
|-----------------|-------|---------------|-----|-------|-----|
| circumflexo (^) | amei, | amei, | ... | amou, | ... |
| aberto (´) | ... | mèta (baliza) | ... | ... | ... |

A este signal chamam os francezes grave; e á sua imitação muitos nossos, mas impropriamente, porque nunca se usou nas vogaes que nós chamamos graves semelhante signal nem outro algum. Essas vogaes são, por exemplo, as últimas das seguintes palavras:

ama, ame, amei, amo,
tribu

E aqui chamamos *grave* o *a*, que chamámos *fechado*, a páginas 11. Veremos a razão disso.

q

que qui = ke ki

fique fiquei

toque toquei

ataquei pique

ataque piquei

duque loque

baque jaqueta

applique

appliquei

aquelle

aquellea

aqui aquillo

quieta quieto

qual

qualidade

DECIMA QUINTA LIÇÃO

É evidente que havendo consoantes certas e incertas, n'um methodo, se havia de começar pelas certas. Ora conhecidas e combinadas pelo nosso discipulo essas dez consoantes, que na ordem alfabetica são:

b . d f . . j k l . . p q . . t v . .
restam: *. c . . g . . . m n . . r s . . x z*

Porem que ordem seguiremos agora? Como vimos a páginas 19 e 23, todas estas oito são de dois valores, excepto *s x*, que são de quatro. Ora a última das certas, em que ficámos, foi *q*; ao qual se seguem naturalmente *c g*, não só porque uma tem um valor identico; e a outra, um valor semelhante, guttural; mas porque ambas igualmente, com *e i*, offerecem especialidade.

Portanto o logar de *c g* está marcado. Depois seguir-se-hão *m n*, que teem igualmente dois valores? Não convém; ambas essas consoantes servem muitas vezes de til, o que é duro de explicar; e accresce que *n* se combina com *h*; podendo-nos portanto servir de transição para as fórmulas compostas *lh, ph, ch*, etc. que devem ser as últimas.

Por outro lado, se advertirmos que *z* tem dois valores de *s*, assim como *s* tem tres valores de *x*; conviremos que estas tres consoantes se devem succeder. Resta *r*, que tendo dois valores, as deve preceder.

Logo a ordem mais conveniente é

c g, r, z s x, m n.

Veremos que o *h* não passa dum accento, quando serve de alguma cousa.

Ora o *c* tem dous valores; um, sibilante e prolongavel, *ç...*; outro instantaneo guttural, *q*.

Como lhe havemos de chamar? Como o mestre quizer. O discipulo a estas horas está bem no

caso de não confundir o nome com os valores: quanto mais que não se admittindo solletração, elle é forçado a empregar valores. Por isso é que já em respeito a *k* e *q* deixámos em aberto esse ponto. Todavia é mais racional que chamemos a essas gutturaes o que valem, *q'*; isto é, designal-as pelo seu valor; ou querendo-se-lhes dar nome, derival-o d'esse valor, e chamar, a uma e outra, *qê*. Similhanamente, dos valores de *c*, deriva o nome *cêqe*. Embora a experiencia nos mostre a inutilidade dessas designações formaes, e o methodo aconselhe de preferencia citar-se a letra pelos simples valores, podemos admittir nomes *verdadeiros*, que indiquem as funcções da letra.

Em todo o caso, o essencial é ensinar os valores e as regras. Antes da lição que segue, deve passar-se, entre mestre e discipulo, este ou semelhante diálogo:

—*Que letra é esta?*—*Cêqe.*

—*Porque se chama cêqe?*—*Porque vale ç... e q.*

—*Quando vale ç...?*—*Em vindo com e, i, ou cedilhado.*

—*E em não vindo com e, i, ou cedilhado?*

—*Vale q.*

O ç (cedilhado) não confunde o alumno; antes, pela necessidade ou inutilidade da cedilha, como se póde exemplificar em *aço*, *caco* etc., lhe ajuda a fixar as alternativas d'esta consoante caprichosa.

C

= ç... *ce* *ci*

cebo *cebola*

cedo *ceia* *face*

alface *foice*

bacia *cidade*

= q

cá *cal* *caldo*

calvo culpa

caco cacei

cace calcei

cacetada

ç

aço beijo buço

caça cabaça

cabeça coça

calça calçada

DECIMA SEXTA LIÇÃO

Segue-se o *g*, igualmente de dois valores, como o *c*, um prolongavel e outro instantaneo: o prolongavel é *j...*; e o instantaneo é *g'*, guttural. D'estes dois valores deriva logicamente o nome *jêg'e*. Isto supposto, dialoguemos com o nosso discipulo:

—*Que letra é esta?—Jêg'e.*

—*Porque se chama jêg'e?—Porque vale j... e g'.*

—*Quando vale j...?—Em vindo com e, i.*

—*E quando vale g'?—Em não vindo com e, i.*

—*Mas ha palavras onde soa g'é, por exemplo malagueta; e ha palavras onde soa g'i, por exemplo guita.—Qual é o modo de escrever estas syllabas?—E escrevendo gúé, e escrevendo gúi.*

—*E, assim, fica bem escrito?—Não; porque o u não se lê; mas entende-se bem a palavra.*

—*E se tirassemos o u?*—*Era peór; lia-se malajeta, lia-se jita, que faz mais differença.*

Ora os casos em que o *u* se lê, nestas syllabas *gue, gui*, são rarissimos: por isso podemos ensinar a desprezal-o, como fizemos a respeito de *que qui*, numa regra semelhante:

—*Visto gúe gúi valer quasi sempre g'é g'i, lendo-se d'este modo, quasi sempre se acerta.*

Na lição vai uma excepção, *guela*.

Mas deixai tambem o discipulo ler uma ou outra palavra como está escrita, para ver que ainda lendo em rigor, a palavra transparece claramente. Esta certeza desafronta-o dos equívocos em que póde cair.

Vê-se pois que admittimos nomes de letras, conformando-nos com a opinião commum, que tendo tudo nome, tambem as letras o devem ter. Embora; e nesta altura não ha inconveniente para o nosso discipulo: mas seja um nome adequado, e não um nome falso. Chamando ao *c* *cêqe*, e ao *g* *jeg'e* (ou escrevendo como se usa, *gêgue*), conformamo'-nos com aquelle principio, com o costume, e satisfazemos, pelo menos, ás mais imperiosas exigencias do methodo. Comtudo ainda podemos ajustar mais aquellas denominações aos valores das letras, dizendo *ceqe jeg'e*, como diriamos duas vezes a particula *de*: *de Francisco, de Pedro: de de; je-g'e, ce-qe*.

Dizia-nos um dia o aio dos principes: bom é o methodo, mas de qualquer maneira se aprende a ler.

Intendamo'-nos: de qualquer maneira se *pode* aprender a ler; *de facto*, não se aprende de qualquer maneira. Dos senhores de si, poucos são os que tentam, e quasi todos esses desistem: os outros... que remedio! A questão é de tempo e de tormento. E essa não é ainda a questão principal.

Todo o estudo envolve, afóra a instrucção, educação de espirito; por isso a geometria passa pela melhor das logicas. E no primeiro de todos os estudos, quando o espirito está mais ductil e inconciente, como póde um processo racional, ou insensato, ser indifferente aos habitos da intelligencia?

Voltemos ao nosso caminho. Querendo-se que o discipulo intenda os symbolos, diz-se-lhe que os tres pontos designam o valor prolongavel: a consoante simples, ou com apóstrofo, indica o valor instantaneo. É claro.

g

= j... *ge gi*

gebo geito

foge tigela

vigia collégio

= g' *gue gui* = g'e g'i

jogue pague

folgue cegue

guia guita

aluguel guela

gago água

egua igual

gallo galgo

golpe pulga

cego acelga

giga gagueja

DECIMA SETIMA LIÇÃO

Vamos ao *r*, terceira das consoantes incertas e, como as duas primeiras *c g*, igualmente de dois valores, um prolongavel e outro instantaneo.

Ponhamos em diálogo a doutrina:

—*Que letra é esta?—Rêr.*

—*Porque se chama rêr?—Porque vale rr... e r'.*

—*Quando vale rr...?—Em vindo no princípio ou dobrado.*

—*E em não vindo no princípio, ou dobrado, o que vale, ou como se lê?—R'.*

Não é necessario trazer para aqui as vogaes, como se costuma: isso impõe ao principiante uma distincção inutil, porque tanto vale o *r* entre vogaes, como entre vogal e consoante. Escusa tambem ensinar as excepções ao discipulo: como o *r*, se profere tocando a lingua no ceo da boca, e o *rr...* consiste na repetição desse toque (gemendo ou vozeando ao mesmo tempo), a afinidade desses dois valores, e o mesmo estylo da lingua leva o discipulo a reforçar a inflexão, quando lhe destoa proferida simplesmente. Dificuldade acharia elle em o não fazer, por exemplo, em *carne* e *melro*, ou vice versa em *tenro* e *arlequim*: pois antes ou depois de *l*, o *r* é guttural. E o mesmo podemos dizer a respeito de *n*; mas advertindo que, por exemplo em *tenro*, não é necessario que o *n* sôe como letra (ou inflexão); basta representar de *til*.

Estas observações dirigem-se ao mestre: e ainda ao mestre, á excepção de alguma indicação prática, o mais que deixamos nestas notas não merece especial reparo; nomeadamente as razões de ordem. Chamando a isto methodo, cabe-nos mostrar que o é; mas para fazer breve e commoda jornada por uma estrada recta e plana, não é necessario saber como a traçaram e construíram.

O *r* guttural é inflexão instantanea porque se reduz em última anályse a um toque de lingua no ceo da bôca; é inflexão prolongavel porque se forma repetindo esse toque indeterminadamente; e é voz porque o gemido (como lhe temos chamado) com que proferimos *v*, *z*, *j*, e de que igualmente depende o *r* guttural, não é senão o fôlego elevado ao grau de vibração, ao grau de voz. Propriamente fallando, a voz só se emite de bôca mais ou menos aberta, e sem intervenção sensível dos orgãos mudos. Mas á parte esta intervenção e a propriedade do termo, n'aquellas quatro inflexões ha voz. Tanto assim que bem podemos esboçar distinctamente qualquer melodia, modulando-a n'alguma das inflexões *v*, *z*, *j*, *r...*

Estas são verdadeiramente as letras *semi-vogaes*: não—aquellas cujo nome *começa e acaba por vogal*. O que terá o nome com a cousa!

A letra *r*, pela sua frequencia e pelos seus accidentes de posição e número, merece uma lição com consoantes certas, e outra com consoantes incertas. Em seguida daremos, para defastio do alumno, um pequeno diálogo. Se o mestre não julgar inutil este exercicio, applique ás palavras *a*, *o*, a regra do *a*, *o*, finaes; e diga que o *e* simples lê-se *i*. O alumno reconhece as maiusculas, e a pontuação não o embarça. Appliquem-se as regras conhecidas.

r

rei rua raio

raiva rijo rato

ferro jarro

terra burro

ira vara fera

furo jura puro

ar ir vir for

flor dar ver

verde *perda*

pardo *perto*

preto *prato*

bruto *pobre*

irar *virar*

varrer *ferrar*

raro *retiro*

rir *roer* *ratar*

repartir

recibo *receio*

rico *róca* *ruço*

carro *garrafa*

garra *guerra*

cera *cerol*

cara *caracol*

corda *açorda*

geral *gôro*

agora *agouro*

certo *carta*

garfo *grito*

gritar *córar*

cear *receber*

regedor *rogar*

cerrar *correr*

agarrar gorar

carregar

recordar

—Ó *Pedro*, que é do *livro de capa verde*, que te deu o *avô*?

—Já o dei ao *Jorge* a *guardar*.

—Vai lá *pedil-o*.

—*Para* quê?

—*Para* a *tia Carlota* ver a *gravura* do *caçador*.

—*Ouve cá*: a *pobre da Clara* ia *abrir a porta* do *quarto*, *caíu*, *quebrou a garrafa* do *petróleo*, e *ficou ferida*. Vou *agora á botica*; *levo aqui a receita*: *á tarde logo fallo* ao *Jorge*, e *digo* que t'o dê.

—*Palavra*?

—Palavra, Julio, fica certo.

—Vê lá, cuidado!

DECIMA OITAVA LIÇÃO

Ao *r* segue-se o *z*, embora esta consoante seja mais simples: porque o *r* dobra-se, e tambem se combina com outras consoantes; o que não succede ao *z*: mas as razões de analogia não são menos attendiveis que as de simplicidade.

O *r* tem dois valores que se reduzem a uma fórmula bastante simples (*no princípio e dobrado, rr*). O *x* tem quatro valores, que se esquivam a regra. É portanto claro que o *r* devia preceder ao *x*; mas devendo preceder ao *x*, devia preceder aos caracteres a que o *x* está associado por identidade de valores.

| | |
|--|-----------------|
| Na verdade, em <i>zaz</i> vê-se que <i>z</i> vale | <i>z x</i> |
| Em <i>sisudos</i> vê-se que <i>s</i> vale | <i>ç z x</i> |
| Em <i>sexo auxilio exilio xale</i> vê-se que <i>x</i> vale | <i>kç ç z x</i> |

Valem todas tres *z*, *x*; duas valem mais *ç*; e uma vale ainda mais *kç*. É como uma escada de tres degraus que o methodo, que é todo escada, não podia desmanchar.

Por isso a todas tres precede o *r*; e agora ao *r*, segue-se a mais simples das tres.

A theoria relativa ao *z*, encerra-se nas seguintes perguntas e respostas:

—Que letra é esta?—Zêxe.

—Porque se chama zêxe?—Porque vale *z...* e *x...*

—Quando vale *z...*?—Em não vindo no fim.

—E quando vale *x...*?—Em vindo no fim.

Isto é o bastante.

O discipulo está agora atravessando um terreno escabroso. Por maiór circumspecção com que vamos guiando os seus passos, não o livramos de cair: salvo tecendo-lhe de proposito lições faceis, e desviando-lhe tropeços; mas então o resultado seria um progresso illusorio.

Vistes nas lições do *r* como por uma escala de combinações chegámos a accumular dentro da mesma palavra muitas dúvidas. Assim convem preparar o discipulo para a leitura usual e prática onde, a cada linha, encontra essas accumulções. A amenidade do methodo não póde levar-se até á esterilidade. Se as lições agora são mais embaraçadas, vá o alumno ensaiando a sua reflexão. Adiante da palavra mais duvidosa, está a prevenção da regra e a advertencia do mestre.

O magisterio é de sua natureza officio de abnegação e de paciencia. O mestre que se ira corrompe o coração do alumno. E se o alumno, pela sua tenra idade, é incapaz de aprender regras e de as applicar, então a sua presença na escola apenas attesta a ignorancia dos paes e a incuria da autoridade. Até aos sete e oito annos de idade todos andamos numa fervorosa elaboração corporal, que só reclama alimento, movimento e somno; assim como andamos nesse profundo e immenso estudo da lingua, e nessa insaciavel investigação do mundo exterior, que absorve totalmente a faisca mais brilhante que possa alumiar uma cabeça infantil. Complicar esse duplo movimento quasi vertiginoso com o ensino primario—leitura, escrita e contas—passa de absurdo a cruel.

Como os valores do *z* são novos, só podemos indicar nos symbolos em que logar o

z~~~z~~~

Z

zelei zelou

zelar azia

azul azeite

azedar vazia

luziu luzir

fazer jazer

jazia jazigo

azar azougue

~~~z

az faz fiz

fez vez jaz

*juiz luz diz*

puz pôz paz

capaz lapuz

quiz giz gaz

arroz retroz

rapaz feroz

traz cruz zaz

#### DECIMA NONA LIÇÃO

Vamos ao *s*, quinta das consoantes incertas, e segundo degrau da escada, de que fallámos na lição passada.

Esta consoante é frequentissima: nella acabam metade das vozes dos nossos verbos, todos os nossos pluraes de nomes, pronomes, participios, e de quasi todos os adjectivos; não fallando nos infinitos casos em que figura no principio e meio de palavra, já antes, já depois de vogal; e tambem antes e depois de consoante, como em *sciencia* e *psalmo*.

Póde-se estabelecer a regra que o *s* no fim de palavra ou syllaba, vale *x...*; por exemplo, *custas*. Mas cumpre advertir que isto, sendo geralmente verdadeiro, não é exacto; porque o *s* (assim como *z* e *x* finaes), vindo no fim de palavra á qual se siga immediatamente vogal, vale *z...*; por exemplo, *os olhos*, que se lê como se estivesse escrito *ozolhos*; e seguindo-se-lhe immediatamente consoante, que não seja *ç*, *f*, *p*, *q*, *t* (ou equivalente de *ç* e *q*), então vale *j*; por exemplo *as vozes*, que lemos como se estivesse escrito *aj vozes*.

Mas estas advertencias são puramente theoricas ou antes, escusadas no ensino; pois não se trata de ensinar a ler a estrangeiros, e sim a portuguezes mais ou menos práticos na lingua. Pela nossa parte não costumamos prevenir os nossos discipulos, para a lição do *s*, com mais doutrina que a contida no seguinte diálogo:

—*Que letra é esta?*—*Sezêxe.*

—*Porque se chama sezêxe?*—*Porque vale ç... z... x...*

—*Quando vale ç...?*—*No principio e dobrado.*

—*Quando vale z...?*—*Entre vogaes.*

—*E quando vale x...?*—*No fim de palavra ou de syllaba.*

Com este pouco temos o bastante para o nosso discipulo acertar as mais das vezes, e senão, para o convenceremos de que desmentiu a regra, o que em geral nos é tão agradável como se a observasse, pois nos dá occasião de o fazermos raciocinar.

Por exemplo, trata-se da palavra *uso*, que o discípulo lê *uço*. Em lugar de emendarmos sem mais explicações, preferimos questionar.

—Que consoante é essa?—Sezêxe.—Quando vale ç?—No princípio e dobrado.—Está no princípio ou dobrado?—Não.—Portanto não é *uço*.

E quando vale z?—Entre vogaes.—Está entre vogaes?—Está.

E o discípulo lê *uzo*.

Syllaba é a palavra ou parte da palavra que se diz duma vez, n'um tempo. *É, sé, seu, seus*, são quatro syllabas, embora mais compostas umas que outras. *Qual quer* são duas syllabas, que podem formar duas palavras; e também, só uma. O discípulo adquire praticamente, pelas nossas lições de syllabas alternadas a typo liso e lavrado, uma idéa mais clara de syllaba, do que é facil dar-lhe por definições.

Quanto a vogaes, é melhor fazer-lh'as conhecer pelo valor, exemplificando e comparando, do que simplesmente pelo nome e de memoria.

## S

*só safa silva*

*passo tosse*

*liso quasi*

*bois dias teus*

*soubesse*

*desusados*

*sós seus suas*

*siso sisudos*

*isto este esta*

*está esteve*

*visto vestes*

*foste justo*

*postas basta*

*pastas peste*

*leste listas*

*valsa salsa*

*falsos pulso*

*socio sucia*

*caso acesa*

*faces cisco*

*sege sigo*

*seguir guloso*

*guisados*

*sogro grossa*

*socegasses*

*perseguisses*

*ser saír sorte*

*assar russo*

*risses risada*

*rosa riso raso*

*russo grossos*

*gritos gordos*

*sagaz fizesse*

*zurzisses*

# rêzes luzisse

## VIGESIMA LIÇÃO

Assim como do *z* passámos ao *s*, que contem os dois valores do *z*; passamos agora do *s* ao *x*, que contém os tres valores do *s*.

Estes valores, a que alludimos, são *ç... z... x...* Porque é verdade que a paginas 19 attribuimos ao *s* tambem o valor de *j...*; mas este valor, embora no *s* se observe muito mais frequentemente, é accidente que soffrem as tres irmãs *z, s, x*, e não particularidade do *s*. Expliquemo-nos.

Se lermos e escutarmos as seguintes frases:

|                      |                        |                       |
|----------------------|------------------------|-----------------------|
| <i>faz agua,</i>     | <i>faz ponto,</i>      | <i>faz damno;</i>     |
| <i>as aguas,</i>     | <i>as pontes,</i>      | <i>as damas;</i>      |
| <i>calix antigo,</i> | <i>calix prateado,</i> | <i>calix dourado:</i> |

ver-se-á que *z, s, x* de *faz, as, calix* valem, primeiro, igualmente *z...*; segundo, igualmente *x...*; terceiro, igualmente *j...*

Examinai e vereis que *z, s, x*, lendo-se immediatamente antes de vogal, valem *z...*; e immediatamente antes de *ç, f, p, q, t* (ou equivalentes), *j...*: nos outros casos, *x...*

Porém como todos observam isto inconscientemente, e o mesmo ouvido se encarrega de guiar o alumno, é escusado dar taes regras.

Abstrahindo pois daquelle valor commum e tão accidental, *j...*, podemos sem rigorosa mas com bastante verdade chamar áquellas consoantes *zêxe, sezêxe, kcecezêxe*. Taes nomes designam os valores das letras, e são portanto definições, verdadeiros nomes, verdadeiros e mnemonicos, isto é, bons de fixar pela identidade e gradação de elementos.

O nosso systema não se funda nos nomes das letras: os facéis e notaveis resultados que elle tem dado em nossas mãos, e nas do editor, e que igualmente promette nas de outrem não dependem destas particularidades: mas é a razão que as dicta, e o methodo que as aconselha.

*Xiz* é um nome apenas insufficiente, não falso nem disparatado; porque do modo que o dizemos (*xix...*), principiando e acabando na inflexão *x...*, até se podia considerar symbolico; pois em princípio e fim de palavra, salvo o que deixamos dito, o *x* vale *x...* Mas que é dos outros valores? O nome não os indica; e não ha razões de preferencia: nem ha conveniencia alguma em obrigar o principiante a ir buscal-os a explicações avulsas, podendo-os achar no proprio nome da letra.

Vamos ás perguntas e respostas do costume:

—*Como se chama esta letra?*—*Kcecezêxe.*

—*Porque se chama Kcecezêxe?*—*Porque vale kç... ç... z... x...*

—*Quando vale kç... ç... z...?*—*Não ha regra.*

—*E quando vale x...?*—*No princípio e fim de palavra.*

Este mesmo valor já sabemos quanto é accidental no fim; e tambem não é certo no princípio. Parece pois que muito de proposito escolheram os mathematicos o *x* para symbolo da incognita... Mas ahi tendes mais uma razão para lhe darmos um nome que offereça por assim dizer, á escolha do principiante valores tão diversos e tão incertos.

# X

= kç

*fixo*    *fixa*    *fixar*

*fluxo*    *defluxo*

*reflexo*    *sexo*

= ç

*auxiliaste*

*auxiliarias*

*auxiliasses*

= z~~~

*existe*    *existir*

*exercitarás*

*exercitasses*

# exercices

*exacto*

= ~~~z

*xale luxu*

*baixo deixar*

*bexigas*

*eixos seixos*

*sexta calix*

*expressar*

## VIGESIMA PRIMEIRA LIÇÃO

Das oito consoantes incertas faltam-nos duas, *m*, *n*: mas como estas servem tantas ou mais vezes de til que de letras, é chegado o tempo de fallarmos das vogaes nasaes. Ha cinco especies de vogaes: *agudas*, *fechadas*, *abertas*, *graves*, e *nasaes*.

*Agudas* são as que se proferem como se chamam *á*, *é*, *í*, *ó*, *ú*; ás quaes muitas vezes se applica e muitas mais se deixa de applicar aquelle traço obliquo da direita para a esquerda chamado tambem *accento agudo*.

Abaixo, por assim dizer, um ponto em força e clareza estão as *fechadas*, que se proferem com a bôca um pouco menos aberta.

O signal destas é o chamado *impropria* e alatinadamente *circumflexo*, que a maxima parte das vezes se omitta, mas algumas se emprega onde era necessario como em *dê*; onde convinha como em *rôgo*; onde era desnecessario como em *flôr* (porque *or* final vale geralmente *ôr*, e portanto bastava accentuar as excepções como *maior*, *peór*); e tambem modernamente em palavras, onde não convinha, como *vêmos*, *louvâmos*, que em estylo culto e desaffectedado se lêem nasalando as vogaes *e*, *a*; ás quaes portanto mais competia til que *accento circumflexo*.

É de notar que não ha *u* nem *i* fechado; porque o ouvido não distingue voz abaixo de *u*; nem diferença de tom, e só de fôrça, dum *i* a outro *i*, como em *cai* e *caí*.

*Aberta*, ha só uma vogal assim chamada, o *e*, de que fallamos a paginas 49.

*Graves* são as vogaes que se proferem mais suavemente, como as ultimas de *ama*, *ame*, *amei*, *amo*, *tribu*; onde, se comparardes, vereis que *o* e *u* se confundem para o ouvido.

Quasi o mesmo succede entre *a* fechado e *a* grave, que só differem na fôrça; como por exemplo em *câda*. Mas attendendo a que esta differença é quasi inapreciavel, e devendo ser o *tom* a base desta classificação, póde-se estabelecer que ha só tres vozes graves, *e*, *i*, *u*, representadas em quatro vogaes, *e*, *i*, *o*, *u*; valendo estas duas últimas o mesmo.

*Nasaes* são as que se proferem, não asperamente fanhosas, como se tivessemos o nariz tapado ou as fizessemos eccoar nas fossas nasaes; mas dirigindo o fôlego como que ao ceo da bôca; podendo-se neste sentido chamar igualmente, e por ventura melhor, palataes.

Resumindo: todas as vogaes podem ser nasaes e todas podem ser agudas. Graves ha quatro *e*, *i*, *o*, *u*, representando tres vozes graves *e*, *i*, *u*. Fechadas ha tres, *â*, *ê*, *ô*. Aberta ha só uma, *è*.

As nasaes assignalam-se com  $\tilde$ , *m*, *n*. Hoje só é applicado o til a duas, *a*, *o*; mas a todas se encontra applicado frequentemente nas edições antigas.

Limitemos a nossa questão ao til.

—*Como se chama este signal?*—*Til*.

—*De que serve?*—*De indicar voz nasal*.

—*Â, é, í, ó, ú são vozes nasaes?*—*São vozes puras*.

—*Como são nasaes?*—*Ã, ã, ã, õ, ã*.

Puras são todas as vozes não nasaladas, isto é, todas as *agudas*, *fechadas*, *abertas* e *graves*.

ã

ẽ     ã     õ

ũ

vã     lã     rã     sã

são     pão     dão

verão     serão

cão coração

razão carvão

seção grão

grãos são

cães capitães

sacristães

põi dispõis

pavões feijões

feições acções

ratões razões

varões barões

ladrão rações

#### VIGESIMA SEGUNDA LIÇÃO

Estamos chegados á penultima das consoantes incertas, que é o *m*. Este character umas vezes é letra, outras vezes signal nasal, outras vezes nem uma cousa nem outra; e podemos accrescentar que outras vezes é ambas as cousas.

Quando é letra representa um despego de labios similitissimo aos que representam *b*, *p*; como por exemplo em

*mal, mel, mil, mola, mula.*

É impossível começar a ler estas palavras sem ser de bôca fechada. Os labios despegam-se á primeira voz; vindo portanto o *m* a representar um facto puramente mecanico, por si só inapreciavel ao ouvido. Não é isto particularidade do *m*, mas qualidade geral de todas as letras que valem inflexões instantaneas.

O *m* representa esta inflexão labial em tendo vogal adiante.

Quando é signal nasal, vale para a vogal antecedente o mesmo que til. Tanto importa para a leitura escrever:

*ambos, embora, impar, ombria, umbral;*  
como *ãbos êbora ãpar õbria ãbral:*

com a differença que esta orthografia era melhor, mais exacta e, por consequencia, mais elegante.

Por economia de espaço, e conveniencias typograficas, talvez mais que por espirito reformador duma orthografia incoherente, acha-se o til empregado nas edições antigas, frequentissimamente, onde agora pomos *m* ou *n*. Em boa hora volte e seja universalmente recebida aquella substituição. Mas os antigos, que escreviam (tambem mais logicamente) por exemplo *amárão*; querendo differencar o *ão* dominante do grave, á falta de signaes convenientes escreviam *amaráõ*, desvirtuando assim ao mesmo tempo os dois signaes agudo e nasal; pois nem o *a* é agudo, nem o *o* nasal. Daqui e, provavelmente ainda mais, da costumeira de solletrar *á, ó, til, ão*; parecendo ao principiante (e talvez ao mestre) que o til pertence ao *o*; resulta vemos até na capital grandes letreiros: *Salaõ, Repartição de Instrucção* etc. (o que diga-se a verdade não é muito airoso para o pintor).

O *m* tem sempre este valor nasal quando se lhe não segue vogal.

Mas ás vezes não tem valor nenhum, e só se escreve por divisa etymologica, como por exemplo em

*commenda, commissão, condemnado,*

que se lêem exactamente como se escrevessemos *comenda comissão condenado*.

Estas taes divisas etymologicas, ou estas taes etymologias teem o grande inconveniente de fazer da escrita um privilégio, que nenhum homem liberal supporta sem repugnancia, etc. E ainda se os partidarios [ilegível.....]! Mas elles não se entendem uns aos outros, e nem a si mesmos se entendem. Devia acabar esta affectação ridicula.

Continuando, não podemos dizer que *mm* estão no caso de *bb, cc, dd, ff, gg*, etc., que valem sempre assim dobradas o mesmo que simples: porque é tão commum o primeiro *m* não valer nada como valer de til: por exemplo:

*somma, gomma, emmalar, emmassar*  
equivale a *sõma, gãma, êmalar, êmassar:*

vingando aqui a regra, que *m* sem vogal adiante vale de til.

Tambem o *am* final se póde dizer que não offerece nada de extraordinario quanto ao *m*. Ahi o *m* vale til; é regular: a forma orthografica sim que é viciosa; porque escrevemos *ã* para lermos *ão*. Nem o *a* nem o *m* podem representar o *u* que soa na leitura. É uma convenção caprichosa, e pouco sustentavel.

Antigamente dizia-se, por exemplo, *amárũ*; depois, com o correr dos tempos, *amárõ*; depois, *amárã*. Foi-se a musica da lingua, por assim dizer, aclarando. Hoje ainda muito povô diz *amárõ, fállõ*; mas o estylo correcto e literario é *amárão, fállão*.

Nisto devem os mestres não poupar insistencias, porque o tal *õ* é repugnante. E dizemos: não poupar insistencias, porque é necessario insistir: a maior parte dos alumnos teem esse vício muito arraigado. Mas quem diz *cão*, póde dizer *ficão*: seja a syllaba grave ou dominante, a pronuncia é organicamente a mesma.

Tempo houve que geralmente se escrevia *ão* no fim. Depois, talvez para evitar equivocos, e poupar accents (no que sempre nos temos mostrado singularmente economicos), em vez de se progredir empregando, e até inventando os signaes necessarios a bem duma orthografia exacta, retrogradou-se. Quasi todos escrevem actualmente *amam*, *fallam*, *quizeram*, etc.

A dizer a verdade a boa orthografia não depende tanto da logica dos caracteres como da generalidade das regras; e se *am* final vale sempre o mesmo, embora mal represente o que vale, passe a incoherencia. Melhor orthografia é *fállão*, *fallárão*, *fallarão*, etc. Mas por exemplo *pensão* é equivoco; e escrever *pénsão*, não é logico; porque não temos na palavra *e* agudo. A falta dum signal para a vogal dominante, é uma razão a favor do *am* final: todavia, razão que pouco pode aproveitar aos que seguem (como nós aqui) a orthografia em *am*; pois escrevem sem escrupulo *provém*, *contém* e até *porém*. Logo que dúvida podiam ter em escrever *pénsão*, *péndão*, *mándão*, etc.? Melhor seria.

Mas dissemos nós que o *m* vale ás vezes de letra e de til. De facto acha-se uma especie de influencia nasal retroactiva no *m* (assim como no *n*). Nós lemos *ama*, *temo*, *lima*, *Roma*, *uma*, como se estivesse escrito *âma*, *têmo*, *líma*, *Rôma*, *ûma*. *Amamos*, *amemos*; *fazemos*, *façamos*; *vestimos*, *vistamos*; *pomos*, *ponhamos*; nestas e outras vozes semelhantes dá-se tambem o caso de nasalarmos a penultima vogal, sem til nem *m* que lhe pertença.

Mas destas e outras que taes advertencias não precisa o alumno. E limitando-nos ao que importa, na forma costumada:

—*Como se chama esta letra?*—*Metíl.*

—*Porque se chama metíl?*—*Porque umas vezes vale m', outras vezes vale de til.*

—*Quando vale m'?*—*Com vogal adiante.*

—*E quando vale de til?*—*Com vogal atraz.*

—*Portanto, com a, e, i, o, u atraz, como se lê?*—*Ã, ã, ã, õ, ã.*

—*Tambem se lê ã no fim de palavra?*—*No fim de palavra não se lê ã; accrescenta-se u; lê-se ão.*

## m

meu umas

mãos limões

moças comer

amigas gemer

*morrer*    *mães*

*maças*    *irmãos*

*queimaduras*

*romãs*    *mexer*

*am*    = ~

*em*    *im*    *om*

*um*

*vim*    *fim*    *sim*

*assim*    *algum*

*alguem*    *atum*

*emfim*    *quem*

*tambem*    *som*

*com*    *Joaquim*

*riem limpem*

*jejuem tomem*

*afiem tremem*

*caiem comem*

*ardem fumem*

*temem lêem*

*compararem*

*emmassarem*

*emmalarão*

~ ~ ~ am = ão

*iam durmam*

*amam temam*

*ficam raspam*

*levam puxam*

*viã zurziã*

*tocam armam*

*ligam sumam*

*emma greçam*

*complicariã*

#### VIGESIMA TERCEIRA LIÇÃO

Chegámos finalmente ao *n*, última das consoantes incertas, que á similhaça do *m* umas vezes é letra, representando inflexão; outras vezes é simples signal nasal, valendo de til; outras vezes nem representa inflexão nem vale de til; outras vezes vale de til e representa inflexão; e ainda outras vezes, accentuado ou carregado com o *h*, vale a inflexão conhecida, de que havemos de tratar.

Propriamente um character só é letra quando representa um elemento mais ou menos distincto da palavra fallada. Ninguem diz que *vã* se escreve com tres letras, porque nem a anályse nem o ouvido distinguem senão duas partes nessa palavra. Ora se em *vã* ha só duas letras, tambem ha só duas letras em *van*. Se chamamos letra a este último character, é referindo-nos ao papel que elle muitas vezes representa, e para não estarmos com explicações e rigores desnecessarios: mas fallando com exactidão, aqui o *n* não passa dum signal.

Quando é letra profere-se pegando a lingua ao ceo da bôca: pegando-se ou despegando-se; estes termos são geralmente reciprocos no valor fysiologico das letras; para se despegar, tem de se pegar. Mas se merecesse a pena levar a anályse a uma certa altura, diriamos que mais consiste aquella inflexão no apego que no despego, pois como se póde observar em *iman*, *pollen*, *talisman*, em summa nas palavras onde o *n* final vale inflexão, este *n* profere-se perfeitamente deixando a lingua pegada ao ceo da bôca: o mesmo que dissemos do *l*, ao qual, apezar da differença para o ouvido, se assemelha muito na pronuncia.

Por isso bom é recommendar ao alumno, na leitura do *n* final, o que dissemos a respeito do *l*.

Este *n* final valendo inflexão (e sempre tambem de til, pela influencia nasal retroactiva, que indicámos a respeito do *m*) é raro. Poucas são as palavras que assim acabam. E é só nessas palavras que a ortografia moderna o admite. Caiu em desuso escrever *van*, *lan*, *manhan*. O *n* final valendo de til, foi com razão substituido pelo til.

Nesta qualidade de til, o mesmo que dissemos do *m* lhe é applicavel. Nasala a vogal anterior quando não tem vogal adiante, dando-se tambem casos excepcionaes como succede com o *m*, porém esta é a regra. Nós lemos:

*anda, ente, indo, onda, unto*, do mesmo modo que: *ãda, ête, ãdo, õda, ãto*.

Como letra, nasalando ao mesmo tempo a vogal anterior, temos milhares de exemplos: todos lemos: *ufano, pena, tina, tona, puna*, como se estivesse escrito *ufãno, pẽna, tãna, tõna, pũna*.

Escrito só por etymologia, também não escaceiam exemplos. Em *annel, aniversario, anunciar*, etc., o primeiro *n* não tem nenhum valor.

Resumindo esta doutrina ao nosso discipulo:

—*Que letra é esta?*—Netil.

—*Porque se chama netil?*—*Porque umas vezes vale n', outras vezes vale de til.*

—*Quando vale n'?*—*Em tendo vogal adiante.*

—*E quando vale de til?*—*Em não tendo vogal adiante.*

—*Portanto com a, e, i, o, u atraz, como se lê?*—*Lê-se ã, ã, ã, ã, ã.*

Adverte-se a excepção do *n* final.

## n

nós nau *clina*

*nomes* *manos*

*nada* *meninos*

*anões* *pemas*

*imaginavam*

*came* *esquina*

*afinação* não

*somno* *iman*

*an* = ~

*en in on*

*un*

*antes singelo*

*anca segundo*

*banco andam*

*ancias brinco*

*anjo trancam*

*entendimento*

#### VIGESIMA QUARTA LIÇÃO

O nosso plano é o seguinte:

|     |                            |                                      |        |
|-----|----------------------------|--------------------------------------|--------|
| I   | Vogaes                     | <i>a, e, i, o, u.</i>                |        |
| II  | Consoantes certas          | <i>v, f, j, t, d, b, p, l, k, q.</i> |        |
|     | » incertas                 | <i>c, g, r, z, s, x, m, n.</i>       |        |
|     | » compostas certas         | <i>th, rh, nh, lh, ph,</i>           | } (y). |
|     | Consoante composta incerta | <i>ch,</i>                           |        |
| III | Alfabeto maiusculo.        |                                      |        |

Daqui se vê que ás consoantes incertas seguem-se as compostas. É pois tempo de fallarmos do *h*; tempo e oportunidade, porque as duas últimas incertas, *m, n*, são muitas vezes simples signaes prosodicos; e o *h*, igualmente debaixo de todas as apparencias de letra, não passa dum signal.

Os gregos tinham vogaes e consoantes aspiradas, isto é, proferidas com aquelle esforço, aquella sobejidão de fôlego com que os hespanhoes proferem a inicial de *José*. Em portuguez, ha mais ou menos fôrça em vozes e inflexões; tanto, que é nisso e por isso que

muitas se distinguem e se transformam dumas noutras: mas propriamente a chamada *aspiração*, certa aspereza e violencia, como de voz ou inflexão *tossida*, só (que nos conste) nas gargalhadas do snr. *Rivara*.

Ora na Grecia, onde só havia sete sabios, ninguem era obrigado, para ler e escrever grego, senão a saber grego. Naquella mina inexaurível de etymologias, não havia etymologias. Escrevia-se com a maxima exacção, salpicando-se a escrita de sinalinhos, e entre esses figuravam os de aspiração, que eram umas virgulasinhas sobrepostas á vogal ou consoante accidentalmente aspirada.

Os latinos, em logar dessas virgulasinhas, tinham *h*, caracter improprio e indevidamente mettido na cathegoria das letras; mas elles, importando-lhes pouco tirar aos derivados os ares de familia, iam seguindo a sua orthografia, empregando o *h*, tanto em palavras de origem patria como de origem grega.

E como o portuguez é filho do latim na opinião dos sabios, apezar de não termos *aspiração*, cá temos tambem o *h* em palavras do latim, do grego (que não tinha culpa nenhuma da orthografia latina), e até em palavras de origem ou orthografia nossa, como *sahir*, *cahir*, *chegar*, *fechar*, servindo-nos o *h* de *accento*.

De tudo isto resulta que os gregos tinham a sua orthografia, os latinos a sua, e nós temos a dos latinos, sem o seu criterio e a sua coherencia.

A dizer a verdade não ha differença essencial entre *aspiração* e accentuação: ambas envolvem *fôrça*: mas ha a differença sobeja para não confundir nem os nomes nem os signaes.

O *h* em portuguez não vale aspiração; umas vezes é *accento*, outras vezes é signal etymologico, outras vezes é ambas as cousas.

Applica-se a todas as vogaes e á terça parte das consoantes, ou tanto monta, a metade do abecedario. A sua indole é carregar, accentuar, apezar das muitas excepções. Vejamos com as vogaes.

*Ahi*, *ah*, *huivo* lê-se como se escrevessemos *ái*, *á*, *úivo*: aqui vale *accento agudo*.

*Heroe*, *honesto*, *hostil* lê-se como se escrevessemos *êroe*, *ônesto* *ôstil*: aqui indica etymologia, valendo ao mesmo tempo de *accento circumflexo*.

Em raras palavras começadas etymologicamente por *h*, deixa a primeira vogal de ser mais ou menos fortemente accentuada.

Com as consoantes observa-se a mesma *regra*.

Em *th*, *rh* a presença do *h* é inutil; mas haveis de notar que as inflexões *t*, *rr*... são extremas, isto é, admittem, sem transformação, a pronuncia mais vehemente.

Por outro lado, se os etymologistas fossem etymologicos não escreviam *catarrho*, que não é orthografia portugueza nem latina nem grega; escreviam *catarho*, para se lêr do mesmo modo; vindo o *h* a servir tambem de accentuar o *r*.

*Nh*, *lh* é accentuação de *n*, *l*. Proferi alternativamente *n*, *nh*, e *l*, *lh*, sentireis a lingua, na pronuncia da forma dupla, adherir mais extensamente ao ceo da bôca, e despegar-se com mais custo.

A respeito de *ph*, todos apagam uma luz fazendo ou proferindo naturalmente *pf*.. Esta dupla inflexão consiste em despegar os labios com um sôpro; o que corresponde a accentuar, carregar, tornar sensível ou *aspirar* a inflexão negativa *p'*. É verdade que para nós *ph* não vale rigorosamente *pf*...; mas a differença é insignificante, e pouco desdiz a forma.

Em *ch* temos dois valores, um frequentissimo, *x*... e outro raro, *k'*. Reforçai a inflexão *ç*... e vereis, como facilmente se vos torna *x*... Quando *ch* vale *k'*, pode-se dizer que o *h* indica o valor aspero, forte, guttural da consoante *c*.

Assim, ou similhantemente, convem desculpar as formas duplas, justificar, explicar o valor simples ou homogeneo dessas dualidades graficas. Porque certamente que todos os caracteres da escrita tem um valor convencional e arbitrario; mas, posto um valor, até a

intelligencia infantil é impellida a inquirir se se é coerente.

E pois fallámos do *h*, do *ph*, do *ch*, fallemos do *y*, essa especie de companheiro de viagem que tantas vezes vem na caravana.

Os sabios chamam áquillo *i* grego. Se é grego, excellente razão para o excluir da nossa escrita.

Em grego havia uma vogal (que por signal não se sabe ao certo se valia *i* ou se valia *u*) que na forma maiuscula um tanto se assimilava ao *y*: na forma minuscula, como quasi exclusivamente nos apparece o *y*, o character similhante era o *gamma*, o *g'*. De modo que se um grego resuscitasse, e aprendesse a ler portuguez, havia de se rir muito do *nosso* *i* grego. Não obstante ensinai a ler o vosso discipulo *y*, *ph*, mas recommendando-lhe que nunca escreva tão affectadamente.

Os hespanhoes, em logar do nosso *nh*, *lh*, teem *ñ*, *ll*. É melhor orthografia, mas ainda incoherente. Tanta razão ha de carregar ou dobrar num caso como no outro. Os polacos carregam o *l*.

Para nós o til não tinha applicação ao *n*. Interpretando os latinos e imitando os gregos o melhor seria carregar, accentuar simplesmente, com algum signal particular ou o mesmo agudo, *n*, *l* e até *r*, *t*, *p*, *c*. Vamos á practica.

Deveis ter tido occasião de ensinar ao discipulo o que é, e de que serve o accento agudo e circumflexo; senão, explicai-lhe, apresentando-lhe, como um novo accento embora de diversa forma, o *h*.

—*Que é isto?*—*O accento agá.*

—*De que serve?*—*De carregar vogal ou consoante.*

—*Que vale n, l, p carregado?*—*N', nh'; l', lh'; p', pf...*

—*Mas lê-se pf...?*—*Lê-se só f...*

—*E que vale o c carregado?*—*x... e algumas vezes, q'.*

*y*

= i

*cypreste*

*mysterio*

*symetria*

*pyrilampo*

*asylo*      *abysmo*

*cysne crystal*

*lyceu tyranno*

*estyllo syllaba*

h =

*harpa homem*

*hoje hombro*

*hostias haver*

th rh

*sympathia*

*rheumatismo*

*catarrhal*

nh

*unha punham*

*tinha nenhum*

*ninho*      *manhã*

*vinha*      *grunhir*

*linha*      *tenham*

*fronha*      *pinhão*

*junho*      *azinha*

*lenha*      *inhabil*

lh

*ôlho*      *espelhos*

*dá-lhe*      *joelhos*

*bulha*      *ovelhas*

*azelha*      *grelha*

*filhos*      *ralham*

*gralha*      *trilhar*

*alho palhinha*

*ilha orelhinha*

ph = f

*aphta pharol*

*typho grypho*

*phoca phrase*

*esphera*

*triumpharam*

*typographia*

*pharmacia*

*phosphoros*

= ~~~~z ch

*chá cachorro*

chão *chafariz*

*chapa* *chegar*

*cheio* *colchão*

= k *Christo*

*chrisma*

*machinista*

*eucharistia*

#### VIGESIMA QUINTA LIÇÃO

Ensaiado o nosso discipulo em todas as minusculas por sua ordem, resta apresentar-lhe as maiusculas. Bastava metade, pela similhaça de

C I J K O P S U V X Y Z  
com c i j k o p s u v x y z.

Mas uma cartilha sem alfabeto, sería um escandalo. Evitemol-o.

O alfabeto é um cahos.

Se olhais ao som, e quereis tomar por base o ouvido, achais as vogaes misturadas com as consoantes: se olhais á pronuncia, e quereis tomar por base os orgãos da palavra, achais gutturaes e labiaes, consoantes de valor extremo e opposto no meio d'aquella babel.

A velha divisão de vogaes e consoantes não tem melhor fundamento. Consoantes são as que se lêem com as *soantes*? Nesse caso a divisão natural sería *soantes* e *consoantes*. Mas nem as vogaes são unicamente *soantes*, nem são unicamente as *soantes*.

A inflexão x... soa. Os caracteres que a representam são *soantes*.

Ainda soa mais a inflexão *rr...*; e nessa ha mais do que som, ha tom, voz. Prolongai-a e, melhor, parai com a lingua, continuando o mesmo fôlego, ouvireis um tom apreciavel na escala, que até se pode tomar por tónica d'uma oitava: é a voz que o repique da lingua está abafando e embaraçando.

Porque toda a voz é essencialmente musical: a mais frouxamente proferida, em se

prolongando, afina ou desafina com a nota d'um instrumento.

Não ha differença essencial entre a palavra e o canto; e com razão chamaram vogaes (ou vocaes) as letras que representam os principaes elementos da palavra.

Mas, por isso, chamar consoantes a todas as outras, envolve impropriedade. Todos os sons soam; dizer que as vozes soam, não é bastante: as vozes *cantam*. E alem de impropriedade, é uma syntese exagerada.

Porque na palavra ha vozes, ha tons, ha sons e ha simples modificações *sem tom nem som*, que se percebem na palavra como se percebe na nota da rabeca a unha ou o arco. Nem a unha nem as sedas do arco são elementos fonicos: fazem soar de certo modo, sem que por si soem. Ora a estes quatro elementos da palavra, que formam como uma escala:

I Cantantes ou vocaes;

II Toantes (*rr... j... z... v...*);

III Soantes (*x... c... f...*);

IV Mudos (*bqd, gl, lh, etc.*):

correspondem naturalmente quatro especies de letras susceptiveis das mesmas denominações segundo os seus valores.

Assim pois ha letras soantes e mudas, toantes e mudas; etc. *X* é toante (*z...*), soante (*ç..., x...*) e simultaneamente muda e soante (*qç...*).

Estas denominações e classificações tem utilidade, porque envolvem análise, dão um conhecimento mais perfeito da palavra e da escrita, e proporcionam em muitos casos á doutrina do mestre uma precisão e clareza, que a distincção geral de vogaes e consoantes mal pode permittir.

Mas se se quizesse apenas essa distincção, era dividir as letras em *vogaes* e *invogaes*.

Ora contando as vozes ou elementos cantantes da nossa lingua, que se representam em mais do dôbro de maneiras, achamos dezeseite. Ajuntando os quatro elementos toantes, os tres soantes e os doze mudos (todos tambem representados em muito maior número de caracteres) temos os trinta e seis elementos a que nos referiamos a pag. 53.

Mas voltando ao alfabeto, não recommendamos que o façam aprender de cór senão a discipulos que nutram a lisonjeira esperança de chegar um dia a folhear dictionarios, que é do que serve.

Em todo o caso ahi o tendes, á escolha, minusculo e maiusculo entremeado para confronto, e separado. Ainda nos parecia melhor, isto é, menos indigesto, encorporado em palavras, onde ao pé da maiuscula apparecesse a minuscula, e ao lado os nomes que nós damos ás letras.

Desses nomes ides ver alguns escritos dum modo mais sobrio ou mais usual mas equivalente; pois, por exemplo, lendo *zêz* como se costuma ler *zaz*, no fim soa *x...* que é o mesmo valor, embora mais exacto, que pretendiamos indicar no nome *zêxe*. Igualmente lendo á portugueza *cêqes*, soam tres inflexões, *ç... q... x...*, que são os valores do *c* simples, e accentuado de *h*. Nós tambem lemos *zig-zag*, dando ao *g* o valor guttural: porque não havemos de escrever semelhantemente *gêg*, para significar os dois valores desta toante e muda? Quizemos dar de barato aos partidarios dos nomes volumosos; agora permittam-nos essas modificações accidentaes.

Mas ao *c* tinhamos chamado *cêqe*: chamando-lhe agora *cêqes*, ha uma differença essencial. A razão é, como vêdes, para abranger no nome o novo valor que lhe trouxe o *h*. Assim vão tambem accrescentados os nomes de *p, l, n*: e dessa alteração convem dar conta e explicação ao alumno; se é que não preferis considerar *nh, lh, ph, ch* como formas elementares, chamando-lhes *nhê, lhê, phê* grego, *xêq*; o que é rasoavel mas pouco conforme ao que entre nós se entende por alfabeto.

E agora vem a proposito fallarmos de *dh*, que a pag. 23 incluimos nas formas compostas, e todavia não apparece na última lição. *Dh* é uma junção casual, á similhaça de *nh* por exemplo em *inhabil inherente* que se lê *inâbil inerente*. As palavras que principiam por *h*,

compostas de *ad* e *in*, affectam estas excepções ao *nh*, e aquella forma *dh*, não havendo em rigor nem uma nem outra cousa. Como porem mal se pode fallar ao alumno em preposições, e não deixava de convir *praticamente* considerar a cousa como parece, a isso nos dispunhamos, cedendo depois á verdade theorica.

Os quadros alfabeticos assim talhados, pelas cinco vogaes, em outras tantas regras ou linhas, estão indicando as porções em que se ha-de estudar o alfabeto. De alguma cousa havia de servir a posição alfabetica das vogaes. O alfabeto é uma ordem puramente material; o seu estudo, aborrecido; e não ha necessidade de molestar o alumno. Quantos terão renunciado á gloria de saber ler, pelo fastio invencivel dessa enfiada de nomes barbaros e desconexos? É verdade que no princípio, que é quando o costumam ensinar, a essa desconexão ajunta-se a absoluta ausencia de sentido; mas em todo o tempo a memoria se esquivava a encadear semelhante salsada.

Se acceitais a nossa nomenclatura, alternai com o discipulo as vezes necessarias, ou fazei repetir alternadamente os discipulos, accumulando de dia para dia os nomes decorados:

|           |             |                   |                 |               |                  |
|-----------|-------------|-------------------|-----------------|---------------|------------------|
| <i>á,</i> | <i>bê,</i>  | <i>cêqes,</i>     | <i>dê;</i>      |               |                  |
| <i>é,</i> | <i>fê,</i>  | <i>jêg,</i>       | <i>agá,</i>     |               |                  |
| <i>í,</i> | <i>jê,</i>  | <i>kê grego,</i>  | <i>lêlh,</i>    | <i>metíl,</i> | <i>nênhetíl;</i> |
| <i>ó,</i> | <i>pêf,</i> | <i>qê,</i>        | <i>rêr,</i>     | <i>sezéz,</i> | <i>tê;</i>       |
| <i>ú,</i> | <i>vê,</i>  | <i>qce-cezêz,</i> | <i>i grego,</i> | <i>zêz.</i>   |                  |

Adoptai esses nomes, que são verdadeiros e methodicos: não vos preocupeis com o costume. O cozinheiro ri-se de ouvir chamar ao sal chlorureto de soda; os chimicos deixam-no rir.

Mas antes do alfabeto damos uma lição de esdruxulos, em que não deixa de convir ensaiar o discipulo.

Nós temos, em relação á syllaba dominante, tres generos de palavras, que são:

*Agudas:* onde se carrega na última (ou unica) syllaba: *dá, arroz, fareis.*

*Inteiras:* onde se carrega na penultima: *dado, arrozes, farieis.*

*Esdruxulas:* onde se carrega na antepenultima: *esdruxulo, penultima, última, pallida,* etc.

Os francezes não teem estas melodiosas palavras. Os hespanhoes teem-nas, e com razão accentuam sempre a vogal dominante. Nós que em materia de accentos só não poupamos o *h*, continuamos a escrever *ultima, publica, replica,* e o leitor que *tire pelo sentido.*

Mais uma razão para darmos uma lição de esdruxulos ao principiante, que tem o sentido distraído na decifração de caracteres, alguns tão duvidosos.

Como acima alludimos aos elementos da lingua, e é por elles que se hão de classificar as letras, ahi os damos seguindo nos *toantes* e *soantes* a ordem fónica em escala descendente, e quanto aos *mudos* a ordem fysiologica dos labios para a garganta. Para exercicio especialmente das maiusculas damos uma lenda vertida do francez.

|       |           |           |           |           |       |          |
|-------|-----------|-----------|-----------|-----------|-------|----------|
| Vozes | {         | <i>á,</i> | <i>ã,</i> | <i>â</i>  | } Voz |          |
|       |           | <i>è,</i> | <i>é,</i> | <i>ê,</i> |       | <i>e</i> |
|       |           |           |           |           |       | grave    |
|       |           | <i>í,</i> | <i>ĩ,</i> | <i>i</i>  |       | »        |
|       |           | <i>ó,</i> | <i>õ,</i> | <i>ô</i>  |       |          |
|       | <i>ú,</i> | <i>ũ,</i> | <i>u</i>  | »         |       |          |

*rr*

repique de lingua.

|         |   |          |         |   |           |
|---------|---|----------|---------|---|-----------|
| Toantes | { | <i>j</i> | } Voz e | { | lingua no |
|         |   | <i>z</i> |         |   | ceo da    |
|         |   |          |         |   | bôca.     |
|         |   |          |         |   | dentes    |
|         |   |          |         |   | cerrados. |

Inflexões

|         |                                |                        |                                                               |
|---------|--------------------------------|------------------------|---------------------------------------------------------------|
| Soantes | $v$                            | Fôlego<br>e            | labio inferior pegado aos dentes de cima.                     |
|         | $x$                            |                        | lingua no ceo da bôca.                                        |
|         | $c$                            |                        | dentes cerrados.<br>labio inferior pegado aos dentes de cima. |
|         | $f$                            |                        |                                                               |
| Mudas   | $m$                            | Labios pegados.        |                                                               |
|         | $b$                            |                        |                                                               |
|         | $p$                            |                        |                                                               |
|         | $d$                            | Lingua nos dentes.     |                                                               |
|         | $t$                            |                        |                                                               |
|         | $r'$                           | Lingua no ceo da bôca. |                                                               |
|         | $l$                            |                        |                                                               |
| $lh$    |                                |                        |                                                               |
| $n$     |                                |                        |                                                               |
| $nh$    |                                |                        |                                                               |
| $g'$    | Lingua contrahida na garganta. |                        |                                                               |
| $q$     |                                |                        |                                                               |

## Palavras esdruxulas

Passaro, dúvida, número, hóspede,  
oculo, prestimo, sabbado, médico,  
polvora, lagrima, pallido, célebre,  
lampada, timido, camara, mácula,  
parochó, pecego, barbaro,  
cáustico, último. Kilometros,  
relampagos, alfandegas,  
telegraphos. Condiscipulo,  
evangelico.

## Alphabetos

aA

bB

cC

dD

eE fF

gG

hH

iI jJ

kK

lL

mM

nN

oO

pP

qQ

rR

sS

tT

uU

vV

xX

yY

zZ

---

a b c

d

e f g

h

i j k l

m

n

o p q

r

s

t

u v x

y

z



A B C

D

E F G

H

I J K

L

M

N

O P Q  
R  
S  
T

U V X  
Y  
Z

Hymno  
de  
*Amor*

*Andava*  
um  
dia  
Em  
*pequenino*  
Nos  
*arredores*  
De  
Nazaré,  
Em  
*companhia*  
De  
São  
José  
O  
Deus-

O Menino,  
Bom-  
Jesús.  
Eis  
senão  
quando  
Vê  
num  
silvado  
Andar  
piando  
Arripiado  
E  
esvoaçando  
Um  
rouxinol,  
Que  
uma  
serpente  
De  
olhar  
de  
luz  
Resplandecente  
Como  
a  
do  
sol,

E  
penetrante,  
Como  
diamante,  
Tinha  
atrahido,  
Tinha  
encantado.  
Jesús,  
doído  
Do  
desgraçado  
Do  
passarinho,  
Sai  
do  
caminho,  
Corre  
apressado,  
Quebra  
o  
encanto;  
Foge  
a  
serpente;  
E de  
repente  
O  
pobresinho,

Salvo  
e  
contente,  
Rompe  
num  
canto  
Tão  
requebrado,  
Ou  
antes  
pranto  
Tão  
soluçado,  
Tão  
repassado  
De  
gratidão,  
Duma  
alegria,  
Uma  
expansão,  
Uma  
vehemência,  
Uma  
expressão,  
Uma  
cadência,  
Que  
commovia

O  
                  *coração!*  
  *Jesús*  
                  *caminha,*  
No  
                  seu  
                  *passaio;*  
E a  
                  *avesinha*  
*Continuando*  
No  
                  seu  
                  *gorgeio,*  
Em  
                  *quanto*  
                  o  
                  *via:*  
De  
                  vez  
                  em  
                  *quando*  
Lá  
                  lhe  
                  *passava*  
Á  
                  *dianteira,*  
E mal  
                  *pousava*  
Não

Nem *afrouxava*  
repetia,  
Que *redobrava*  
De *melodia!*

*Assim*  
foi  
indo  
E o  
foi  
*segundo.*

De  
tal  
*maneira*  
Que  
*noite*  
e  
*dia*

*Numa*  
*palmeira,*  
Que  
*havia*  
*perto*  
*Donde*  
*morava*  
*Nosso*  
*Senhor*

Em  
pequenino,  
(Era  
já  
certo)  
Ella  
lá  
estava  
A  
pobre  
ave  
Cantando  
o  
hymno  
Terno  
e  
suave  
Do  
seu  
amor  
Ao  
Salvador!

FIM DA CARTILHA MATERNAL

#### NOTA

O leitor póde reparar em chamarmos ás vogaes simplesmente *á, é, í, ó, ú*; e depois darmos ás invogaes nomes compostos de todos os seus valores. A razão daquella excepção é não podermos sujeitar as vogaes ao mesmo systema de denominações; para o que basta ver que o *e* tem oito valores:

*ẽ, pena; ê, d'este, dê;*

è, dez; êi, lêa, negocea;

é, deste; e (grave), ave;

éi, idéa; i, ceou.

Tantos elementos vocaes não se prestam a nome. E que regras podíamos nós estabelecer a respeito de cada um delles?

Mas accresce que o estylo da lingua leva o principiante a achar a oscillação da vogal mais facilmente que, entre os valores da invogal differentes e até heterogeneos, aquelle que convem.

E já que fallamos em regras, haveis de notar que a pag. 81, o *s* figura nas duas últimas linhas dum modo não comprehendido no diálogo. Completai as regras explicando como o *s* tambem tem o primeiro valor entre vogal e invogal, e nas palavras compostas como *girasol*, *resalva*, etc., em occasião opportuna.

A pag. 31, e ainda mais provavelmente a pag. 91 haveis de extranhar a orthografia, em que damos a ler ao discipulo *pai—põi, dispõis*.

A respeito de *põi* e *dispõis*, o *i* está indicado nos verbos. Todos escrevem *taes, atais; dedaes, dais; leaes, leais* (verbo); não ha pois razão de analogia para escrever *caes, saes* (verbos), em logar de *cais, sais*; nem *põe, dispões* em logar de *põi, dispõis*, que é tambem mais conforme á etymologia.

Pelas mesmas razões em nossa opinião é preferivel escrever *pae*. Todavia ha em todos os espiritos e em todas as linguas duas palavras soberanas—*Deus* e *pae*: tivemos pressa em que o discipulo lesse esta palavra tão frequente e tão amavel, antes da lição do *e* final, e não tivemos dúvida em seguir aquella orthografia, aliás muito usada.

A última palavra a pag. 39 devia estar accentuada; póde-se ler *tôldo* e *tóldo*. Preferindo o mais usual, convem traçar á penna o *accento circumflexo*, que escapou; mas vai na reproducção litographica em ponto grande das lições da Cartilha.

#### Declaração

É comproprietario desta obra, no Brazil, A. A. Lopes do Couto, *Livraria Luso-Brazileira*, rua da Quitanda, n.º 24, Rio de Janeiro.

#### FIM DA NOTA

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK CARTILHA MATERNAL; OU, ARTE DE LEITURA \*\*\*

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE  
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

## **Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE

THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™**

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

## **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

## **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by

the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

### **Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works**

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.